UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

LILIAN PRIMI

A imprensa e a sociedade de informação

A disputa de poder nas sociedades em rede

São Paulo 2016

A imprensa e a sociedade de informação - A disputa de poder nas sociedades em rede

Tese apresentada no
Programa de História Social do Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
(FFLCH-USP) para obtenção do título de mestre

Orientador: Francisco de Assis Queiroz

São Paulo, 2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P952i Primi, Lillian
A imprensa e a sociedade de informação - A
disputa de poder nas sociedades em rede / Lillian
Primi ; orientador Francisco Assis de Queiroz. -
São Paulo, 2016.
89 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. O papel da imprensa na disputa de poder em
sociedades em rede. I. Queiroz, Francisco Assis de ,
orient. II. Título.

Nome: PRIMI, Lilian

Título: A imprensa e a sociedade de informação

Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Mestre em História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Em homenagem a Nicolau Sevcenko
Que abriu a porta e acendeu a primeira luz.

Agradecimentos

A Kepler
pela inspiração

A João e Joaquim
pelo apoio e compreensão

A Tota
Pela paciência e generosidade

“Desde 1975 passamos por algo como dez revoluções tecnológicas sucessivas no espaço de duas décadas e meia. Uma escala de mudança jamais vista na história da humanidade”

Nicolau Sevcenko, 2001

RESUMO

PRIMI, L. A imprensa e a sociedade de informação - A disputa de poder nas sociedades em rede. A proposta é resgatar os acontecimentos da história da informação a partir das sociedades industriais na última década do século 20 até a consolidação da rede mundial de informação, com a popularização de dispositivos móveis e o surgimento das mídias sociais na primeira década e meia do século 21, para entender o papel das mídias e da comunicação na disputa de poder em sociedades informacionais conforme definição de Castells: um “processo multidimensional”[...] “associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos de 1960 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo.” Parto do conceito que norteia as considerações de Castells, de que a “sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas” que as utilizam. (Castells, 2005). E da constatação de que ocorreu neste processo, uma crescente e persistente ideologização da tecnologia: conforme Álvaro Vieira Pinto, houve uma elevação das descobertas e avanços empreendidos nos países centrais “ao posto de única tecnologia válida, capaz de levar o ser humano a construir uma vida feliz para todos”. (IN COSTA E SILVA, 2013). Neste estudo se pretende construir um embasamento teórico que norteie o uso de ferramentas de medição em rede desenvolvidas nos primeiros anos deste século para medir o auferir a opinião pública nas mídias sociais virtuais na análise das publicações na mídia impressa durante disputas eleitorais majoritárias quando não existia mídia digital consolidada. O objetivo desta medição é verificar a presença ou não da polarização que caracteriza a evolução humana (Dawkins) e social (Castells) nos conteúdos publicados pela mídia pré-web, que é evidente nas mídias sociais virtuais, e avaliar o papel dos veículos na disputa pelo cargo máximo da nação nos dois momentos.

Palavras-chave: sociedade em rede, informacional,. Web, internet, imprensa, mídia, política, eleições.

SUMMARY

PRIMI, L. The media and the information society - The power struggle in networked societies. The idea is to analyze data about important events of the information history from industrial companies in the last decade of the 20th century until the consolidation of the global information network, with the popularization of mobile devices and the appearance of social medias in the first half of the 21 century, to understand the role of media and communication in the power struggle that exists in information societies, as defined by Castells: a 'multidimensional process "[...]" associated with the emergence of a new technological paradigm based on communication and information technologies, which began to take shape in the 1960s and have spread randomly around the world.

I use mostly the concepts that guided Castells' studies, that society is giving shape to technology according to the needs, values, and the taste of people who use it. (Castells, 2005). And, also, from the discovery that in this process occurred a growing and persistent ideologisation of the technology: according to Alvaro Vieira Pinto, there was an increase of undertaken discoveries and advances in the core countries "to the only valid technology post, able to lead the human being to build a happy life for all. " (IN COSTA E SILVA, 2013). This study aims to build a theoretical framework that guides the use of network measurement tools developed in the early years of this century to measure the gathering of public opinion in social medias through press media analysis during election periods before the consolidation of networked societies. The reason of this measurement is to check the existence of the polarization that frames human evolution (Dawkins) and social evolution (Castells) in pre-web media content, which is evident in social medias, and assess the role of communication vehicles in the presidential run between those two moments.

Keywords: network society, informational ,. Web, internet, press, media, politics, elections.

Sumário

1 - Parte 1

Introdução pág. 11

1.1 - A sociedade conectada Pág. 17

1.2 - Sociedade imagética de hiperconsumo..... Pág. 31

1.3 - A rede e o trabalho, o trabalho e a rede..... Pág. 35

1.4 - Identidade na hipermodernidade Pág. 46

2 - Parte 2

2.1 - Os genes e os memes..... pág. 53

2.2 - O público, o privado e a mídia..... Pág. 62

2.3 - A realidade do não tempo no não espaço..... Pág. 68

2.4 – Metodologia.....pág. 76

3 – Parte 3

3.1 – Conclusão Pág. 82

Bibliografia pág. 85

ANEXOpág. 91

PARTE 1

INTRODUÇÃO

Minha proposta é retomar a história da informação a partir das sociedades industriais na última década do século 20 até a consolidação da rede mundial de informação, com a popularização de dispositivos móveis e o surgimento das mídias sociais na primeira década do século 21. O objetivo é entender o papel das mídias e da comunicação na disputa de poder em sociedades informacionais conforme definição de Castells: um “processo multidimensional” [...] “associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos de 1960 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo.” (CASTELLS, 2005)

Parto do conceito que norteia as considerações de Castells, de que a “sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas” que as utilizam. (CASTELLS, 2005). E da constatação de que ocorreu neste processo, uma crescente e persistente ideologização da tecnologia: conforme Álvaro Vieira Pinto, houve uma elevação das descobertas e avanços empreendidos nos países centrais “ao posto de única tecnologia válida, capaz de levar o ser humano a construir uma vida feliz para todos”. (IN COSTA E SILVA, 2013). Neste estudo se pretende construir um embasamento teórico que norteie o uso de ferramentas de medição em rede desenvolvidas nos primeiros anos deste século para medir o auferir a opinião pública nas mídias sociais virtuais na análise das publicações na mídia impressa durante disputas eleitorais majoritárias quando não existia mídia digital consolidada. O objetivo desta medição é verificar a presença ou não da polarização que caracteriza a evolução humana (DAWKINS) e social (CASTELLS) nos conteúdos publicados pela mídia pré-web, que é evidente nas mídias sociais virtuais, e avaliar o papel dos veículos na disputa pelo cargo máximo da nação nos dois momentos.

“O humanismo dessa tese pode ser trombeteado com as maiores probabilidades de sucesso pelo sistema de insinuação publicitária, totalmente em mãos dos poderes sociais dominantes, desejosos de acrescentar aos seus incontáveis méritos o da constituição definitiva da humanidade redimida.” (in COSTA E SILVA, 2013)

A tecnologia torna-se assim, na grande ideologia do século, com uma significativa utilidade no “enfeitiçamento da maioria da população”. No limiar da segunda década do século 21, a internet potencializa o poder dessa insinuação publicitária de que fala Vieira Pinto a níveis altíssimos, com consequências ainda não totalmente previsíveis em todas as dimensões da vida humana. No campo da mídia, os jornais e TV estão rapidamente sendo substituídos por mídias sociais como Facebook e Twitter; o telefone pelo Wat Zap e a TV pelo Youtube como fontes de notícias e entretenimento, uma rede autocomandada e interativa, que incorpora uma ampla gama de fontes de informação no hipertexto (CASTELLS, 1999) e comparada em importância à rede elétrica nas sociedades industriais. São “a coluna vertebral da sociedade em rede, tal como as redes de potência (ou redes energéticas) eram as infra-estruturas sobre as quais a sociedade industrial foi construída, como demonstrou o historiador Thomas Hughes”. (CASTELLS, 2005)

As publicações midiáticas são portanto, o campo de investigação deste estudo, que pretende verificar a possibilidade de se utilizar uma ferramenta de medição como as desenvolvidas nos primeiros anos do século 21 para medir o movimento nas mídias sociais virtuais; porém programada para análise das publicações na mídia impressa durante uma disputa eleitoral para presidente sem a presença de mídia digital consolidada. A última vez que isso ocorreu foi em 1989, uma eleição marcada pela manipulação midiática em favor de um dos candidatos, que seria efetivamente eleito. O objetivo desta medição é verificar a presença ou não da polarização que caracteriza a evolução humana (DAWKINS, 2007) e social (CASTELLS, 2005) nos conteúdos publicados pela mídia pré-web, que é evidente nas mídias sociais virtuais, e avaliar o papel dos veículos de imprensa na disputa pelo cargo máximo da nação nos dois momentos.

A população escolhida como referência é a da cidade de São Paulo, a mais importante metrópole do Brasil, um país conhecido pela sua franca e rápida adesão às mídias sociais, apesar do flagrante atraso tecnológico. Gustavo Cardoso, em análise dos impactos da internet nas sociedades, cita o Brasil e o Estado de São Paulo como casos especiais entre as sociedades em fase de transição; de sociedade industrial para sociedade informacional, ou sociedade em rede. Em 2004, ano em que Cardoso realizou seu estudo, a lista dos países considerados líderes potenciais em acesso digital era encabeçada pela Espanha (19.º lugar) e pela Itália (20.º lugar) e o Brasil ocupava a última posição:

“... o Brasil merece uma especial atenção pois como refere o IMD (2004) se tomarmos em conta a dimensão competitividade, para o todo o Brasil, veremos que ocupa a 53.ª posição, mas se pensarmos apenas no Estado de São Paulo, onde em torno da Universidade Estadual de Campinas se centram pólos tecnológicos de elevado potencial e onde o contributo para o PIB, em 1998, rondava um terço do total do país, então a posição de São Paulo a nível global coloca-o na 47.ª posição.”
(CARDOSO, 2005)

Em 2006, a União Internacional de Telecomunicações, ou ITU na sigla em inglês, setor da Organização das Nações Unidas (ONU) (*1), responsável pela classificação, publicou uma revisão dos dados, informando que o Brasil alcançou, entre 2002 e 2006, a “um nível aceitável do acesso para a maioria dos seus habitantes”. (BONILHA, 2006). Nesta revisão, o índice de acesso do país atinge 0,57, um valor 15,9% maior do que o utilizado por Cardoso.

No âmbito das relações sociais, a expansão das redes de informações afeta as relações individuais e as representações sociais e políticas, porque ao romper com os limites de tempo e espaço, permitem a globalização em variados níveis, o que caracteriza as sociedades em rede conforme Castells. Nicolau Sevcenko define o movimento como um surto vertiginoso, ou um looping de montanha russa.

(*1): Agência da ONU especializada em tecnologias de informação e comunicação, destinada a padronizar e regular as ondas de rádio e telecomunicações internacionais. Composta pelos 193 países membros da ONU e por mais de 700 entidades do setor privado e acadêmico. Foi fundada como International Telegraph Union (União Internacional de Telégrafos), em Paris, no dia 17 de maio de 1865

“O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço. Foi esse o efeito que levou os técnicos a formular o conceito de globalização, implicando que, pela densa conectividade de toda rede de comunicação e informações envolvendo o conjunto do planeta, tudo se tornou uma coisa só”. (SEVCENKO, 2004).

A hegemonia dos países centrais se estende à economia e à cultura e torna irrelevantes os limites entre as nações, que passam a ter pouca e às vezes nenhuma influência prática nos destinos da sua população. Isso pode explicar a crescente crise de representatividade que atinge instituições sociais e políticas, um cenário típico das fases de transição de sociedades industriais para sociedades informacionais segundo Castells: “O Estado da sociedade em rede não pode funcionar única ou primeiramente no contexto nacional. Está comprometido num processo de governança global mas sem um governo global” (CASTELLS, 2005).

O que cria uma rede de interesses diferente e independente dos interesses das nações e das suas populações. Os grupos de população excluída ou não conectada à rede mundial foram chamados “quarto mundo” por Castells (CASTELLS, 1999), um conjunto que não se trata mais da reunião de países de mesmo perfil sócio econômico, mas grupos populacionais espalhados em várias partes do planeta, independentemente de fronteiras geográficas.

“Por intermédio da tecnologia, redes de capital, de trabalho, de informação e de mercados conectaram funções, pessoas e locais valiosos ao redor do mundo ao mesmo tempo em que desconectaram as populações e territórios desprovidos de valor e interesse para a dinâmica do capitalismo global. Seguiram-se exclusão social e não-pertinência econômica de segmentos de sociedades, de áreas urbanas, de regiões e de países inteiros, constituindo o que chamo de ‘o Quarto Mundo’.” (CASTELLS, 1999)

“Uma vez que a governança global de algum tipo é uma necessidade funcional, os estados-nação estão a encontrar formas de fazer a gestão conjunta do processo global

que afeta a maior parte dos assuntos relacionados com a prática governativa.” (CASTELLS, 2005). A Comunidade Econômica Europeia é citada por Castells como a mais estruturada de uma lista de instituições financeiras e políticas que reúnem as nações em torno de um interesse comum. Estão também citadas a ONU e o FMI.

Na conclusão de uma conferência de 2005 em que analisa a política nas sociedades em rede, Castells diz que esse arranjo, típico das transições, cria um cenário em que a soberania e os direitos humanos dos povos são bandeiras usadas para esconder a realidade, completamente oposta, marcada por disputas selvagens e polarização extrema das forças políticas em várias partes do globo em torno das fontes de riqueza, o que nos remete aos “turbilhões de poder” previstos por Marshal MacLuhan em 1967 a partir do lançamento do primeiro satélite, o Landsat.

Neste estudo foi desenvolvido o embasamento teórico e se buscou indicar a melhor ferramenta para a análise proposta. A investigação em si compõe a segunda fase, a ser proposta como projeto de doutorado. A primeira parte do texto trata da sociedade na última década do século 20, abordando o impacto da informação em rede na política e na economia, na organização do trabalho e na identidade dos cidadãos. A segunda parte trata das metodologias utilizadas para medições na rede e da definição de uma ferramenta capaz de fazer a mesma medição na mídia pré-web, especificamente sobre as publicações das mídias impressas. A terceira e última parte, é a da conclusão.

1.1 - A sociedade conectada

A rede de poder e dinheiro que se forma apoiada na web é marcada pela hegemonia da cultura neoliberal, que Sevcenko localiza entre as décadas de 1980 e 1990 - véspera da consolidação das mídias digitais como um sistema de comunicação global – “quando houve um dismantelamento do estado de bem estar social e a redução dos impostos pagos pela indústria, associada a ganhos em progressão geométrica dos lucros do capital.” Ronald Reagan e Margareth Thatcher são tratados como pretensos Adão e Eva do novo mundo, difundido na voz de Thatcher, que oferece a “fórmula básica do novo credo neoliberal: ‘não há nem nunca houve essa coisa chamada sociedade, o que há e sempre haverá são indivíduos.’” (SEVCENKO, 2004). Para Castells, a origem deste movimento está no Iluminismo:

“Nós estamos mentalmente formatados para uma visão evolucionista do progresso da humanidade, visão que herdamos do Iluminismo e que foi reforçada pelo Marxismo, para quem a humanidade, comandada pela Razão e equipada com a Tecnologia, se move da sobrevivência das sociedades rurais, passando pela sociedade industrial, e finalmente para uma sociedade pós-industrial/da informação/do conhecimento, a montanha esplendorosa onde o Homo Sapiens vai finalmente realizar o seu estado dignificante. Porém, mesmo um olhar superficial sobre a história desafia este conto de fadas do progresso humano: os Holocaustos Nazi e Estalinista são testemunhas do potencial destrutivo da Era Industrial, e as maravilhas da revolução tecnológica coexistem com o processo auto-destrutivo do aquecimento global e com o ressurgir de epidemias à escala do planeta.” (CASTELLS, 2005)

A ascensão das ideias neoliberais, com a chegada ao poder de Ronald Reagan (presidente dos Estados Unidos entre 1981 e 1989) e Margaret Thatcher (chanceler britânica de 1979 a 1990), marca o início de uma nova fase no mundo do trabalho, de profundas transformações na relação com o capital:

“Ocorre, a partir daí, mudanças qualitativas nas relações de força política entre o capital e o trabalho, assim como entre o capital e o Estado, em sua forma de ‘Estado de Bem Estar’. Dá-se uma nova – e precisa - orientação ao processo de internacionalização capitalista, com o capital voltando a ter liberdade para se desenvolver e, principalmente, para se movimentar em âmbito internacional de um país ou continente para outro – liberdade que não desfrutava desde 1914”. (ALVES, 2013)

Sequestrada pelos oligopólios – que concentram capital e dominam a tecnologia de ponta -, a rede perde o caráter de comunicação socializante que poderia surgir com a horizontalidade e independência com que a informação circula entre os computadores, a “comunicação autocomandada” de Castells. Assumi como verdadeira a definição de Castells para a rede mundial de computadores, que a considera comunicação de massa.

“É comunicação de massas porque é difundida em toda a Internet, podendo potencialmente chegar a todo o planeta. É autocomandada porque geralmente é iniciada por indivíduos ou grupos, por eles próprios, sem a mediação do sistema de media. A explosão de blogues, vlogues (vídeo-blogues), podding, streaming e outras formas de interactividade. A comunicação entre computadores criou um novo sistema de redes de comunicação global e horizontal que, pela primeira vez na história, permite que as pessoas se comuniquem umas com as outras sem utilizar os canais criados pelas instituições da sociedade para a comunicação socializante. Assim, a sociedade em rede constitui comunicação socializante para lá do sistema de mass media que caracterizava a sociedade industrial. Mas não representa o mundo de liberdade entoada pelos profetas da ideologia libertária da Internet.” (CASTELLS, 2005)

O relatório anual de mídias digitais de 2015 da Reuters (*2) indicou pela primeira vez o fim da hegemonia das redes de televisão como fonte de informação de massa na maioria dos

(*2): Digital News Reporter 2015 – Reuters Institute - estudo comparativo contínuo de consumo de notícias do mundo baseado em pesquisa com mais de 20.000 pessoas em 12 países: Austrália, Irlanda, França, Alemanha, Dinamarca, Finlândia, Itália, Espanha, Brasil, Japão, Reino Unido e EUA.

mercados. Dos 12 países estudados, em apenas três – França, Reino Unido e Japão – a TV ainda era o veículo mais acessado pelas pessoas em busca de notícias. Nos demais, a mídia online aparece como a mais acessada. (tabela 1)

TABELA 1

País	TV	Mídia online	Rádio	Jornais
Estados Unidos	64%	74%	26%	23%
Espanha	82%	86%	40%	47%
Brasil	81%	91%	39%	33%

Fonte: Relatório de Mídia Digital, Reuters Institute of Journalism – 2015

Uma análise mais detalhada dos números apresentados pelo relatório, no entanto, mostram que a fonte de dados hegemônica nas mídias sociais continua sendo a TV, que é fonte de notícias para 79% dos pesquisados, com o Grupo Globo – por meio do seu portal de notícias, o G1 – liderando os acessos durante a semana (51%) e como fonte principal (13%), como mostra o gráfico 1.

“Como dá para notar, a TV é, individualmente, a maior fonte de notícias (79%), com as redes sociais chegando perto com 72%, mas, se contarmos todas as fontes on line, incluindo as RS, estes passam à frente, com 91%. A má notícia é para os jornais: são consultados como fonte primária de informação por apenas 40% das pessoas.” (ALVES, 2016)

GRÁFICO 1 – Os cinco veículos brasileiros online mais acessados como fontes de notícias.

FONTE: Digital News Reporter 2015 (*2)

O Brasil é classificado como uma sociedade com alto nível de acesso às TICs, apesar do que foi definido como “um fosso digital interno” (BONILHA, 2006), consequência das desigualdades entre as regiões do País, que persiste apesar dos avanços. A revisão da classificação brasileira foi motivada por um crescimento extraordinário dos mercados de internet e celulares na primeira década deste século no país. Entre os fatores de crescimento apontados no estudo está o aumento “substancial de assinaturas de banda larga, que passou de 635.000 assinantes até dezembro de 2002 para 5,6 milhões (DEZ 2006), um crescimento de 781%.” (BONILHA, 2006) em primeiro lugar, e no de assinantes de celulares em segundo. Em dezembro de 2002 existiam no Brasil 34,3 milhões de subscrições de celulares e em 2006, também em dezembro, este número saltou para 100 milhões, 191% maior.

Os números são de um relatório da ITU/ONU (*1) voltado para comunicação. O Brasil saiu de 0,41 assinaturas de banda larga por 100 habitantes em 2002 para 2,53 assinaturas por 100 habitantes em 2006, chegando em 2012 com 10,08 assinaturas de banda larga por 100 habitantes. O gráfico 2 mostra a posição brasileira relativa aos países desenvolvidos líderes de mercado – Japão, Estados Unidos e Coreia - e também Espanha, Itália e Índia.

GRÁFICO 2 – Assinatura de banda larga. Fonte: ITU-ONU

A segunda causa apontada por Bonilha como motivo para a reclassificação do Brasil, o aumento de assinaturas de celulares, altera as posições dos países, colocando Itália e Brasil na primeira e segunda posições, acima dos Estados Unidos, Japão e Coreia, líderes na banda larga e em todos os demais indicadores de internet. (Gráfico 3) Itália aparece com 158,82 assinaturas de celular por 100 habitantes em 2013, Brasil com 135,31 assinaturas por 100 habitantes e na frente do Japão, que tem 117,63 assinaturas por 100 habitantes.

GRÁFICO 3 – Assinatura de Celulares - ITU-ONU

Nos dois casos houve investimentos significativos do Estado no atendimento à populações de baixa renda, como instalação de redes de wifi livre e programas de inclusão digital. Os

coletivos juvenis que se formaram na cidade de São Paulo recebem apoio financeiro da Prefeitura desde 2003, por meio de um edital que foi discutido na comissão de Juventude da Câmara Municipal da cidade a partir da reinvidicação dos integrantes e criado por meio de lei (*3). Os coletivos juvenis de cultura são formados espontaneamente por jovens de baixo poder aquisitivo na sua maioria vivendo em bairros periféricos, sem muitas opções de desenvolvimento pessoal e que enfrentam grandes dificuldades no seu cotidiano. Essa população historicamente se organiza em redes sociais de apoio, que no século 21 ganharam o apoio das TI, utilizadas intensamente como forma de comunicação e mobilização. Embora acessem os editais de governo e as Organizações Não Governamentais (ongs), se recusam a se formalizar. Estes grupos são apontados, na primeira década do século 21, como o modelo de ação política da nova geração. No relato abaixo, a socióloga Harika Merisse Maia, coordenadora do programa e autora de um estudo sobre o assunto, explica como esses grupos se organizam e se relacionam com a tencologia.

“Desde 2004 até 2013 atendia pessoas físicas e pessoa jurídica (o programa VAI (*3). Eram mais ou menos 10% para pessoa jurídica. Isso mudou em 2014, quando abolimos a pessoa jurídica. [...] A gente percebeu que, para chegar nesse coletivo juvenil de fato, tinha que tirar os jurídicos. Por que para a maioria era uma opção política não se formalizar. Tem uma necessidade de liberdade entre eles muito grande. A proposta não tem uma linguagem preferencial, nada. [porque eles costumam se utilizar de mais de uma linguagem em uma mesma ação]. Só tem limite de tempo, dez meses, e o valor. Na revisão em 2013 tiramos o limite de idade, porque alguns grupos envelheceram. Hoje na verdade nada é muito definido. Não dá para aferir: é assim. O que eu percebi é que a tendência é que os grupos se formam, disformam e reformam e vai gerando uma rede que o cara que estava nesse grupo já está em outro grupo, mas mantém contato com o primeiro e ainda vai formar um terceiro. Isso vai formando uma rede que pode ser o mesmo circuito de pessoas, na mesma região. Por que apesar deles circularem muito pela cidade, mantém a questão espacial forte. Os grupos do Itaim (bairro da região Sul

da cidade de São Paulo) se conhecem e fazem a sua rede e suas trocas de pessoas, estrutura e dinheiro. Os grupos se formam e, se um ganha, vai prestar apoio para os outros, ou vai fazer divulgação, empresta equipamentos. Inclusive tem grupos que não ficam com os equipamentos, que ficam circulando.” (MAIA, 2016 – Informação verbal).

A principal porta de acesso à rede digital para essas populações é principalmente o smartphone, o celular com acesso à Internet. Em 2009 (último dado disponível), 19% dos proprietários de celulares com renda de um salário mínimo (R\$ 465,00 em valores da época), 35% dos que ganhavam entre dois e três salários mínimos (R\$ 930,00 e R\$ 1.395,00) e 44% dos que ganhavam de três a cinco salários mínimos (R\$ 1.395,00 até R\$ 2.325,00) tinham acesso à internet pelo aparelho. (ver gráfico 4)

GRÁFICO 4 -

Percentual sobre o total de pessoas que possuem telefone celular. Base: 11.871 entrevistados que possuem telefone celular.

Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

(*3) Criado por meio de lei (Lei VAI 1 Nº 13.540/2003 (https://docs.google.com/open?id=0B05i6L_Eild9cllxYzNwVzdla0E))

Lei VAI 2 Nº 15.897/2013 (https://drive.google.com/file/d/0B05i6L_Eild9LTBiQnh4SHNzcjA/edit?usp=sharing), regulamentada pelo DECRETO (https://docs.google.com/file/d/0B05i6L_Eild9S2JJWUk2Wi1pdnM/edit), formatada na comissão de juventude da Câmara Municipal da cidade a partir das reivindicações dos coletivos, o programa existe há mais de dez anos e inspirou, pela capacidade de penetração e mobilização, a Secretaria do Trabalho na criação do VAI-TEC, que financia ideias e empreendimentos tecnológicos voltados para a solução de problemas urbanos e também atende grupos não formalizados juridicamente.

A partir de 2010 cresce também o número de domicílios que acessam a rede pelo celular (ver gráfico 5): em 2010, 9% das famílias de classe C e 7% das famílias da classe DE acessavam a rede de suas casas com um celular. Este índice saltou para 17% (classe C) e 23% (CD) em 2011 e chegou a 23% (C) e 24% (DE) em 2013.

GRÁFICO 5 - Percentual sobre o total de domicílios com acesso à Internet (1) Base:27,2 milhões de domicílios que possuem acesso à Internet.

Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Redes sociais reais como a dos coletivos paulistanos e uma infinidade de outras semelhantes, espalhadas pelas periferias ou virtuais, formadas a partir de uma bandeira de luta ou um ideal, no entanto, tendem a desaparecer nas mídias sociais virtuais, ou permanecerem fechadas em seus grupos, sem relevância, que na rede não vem com a repetição incessante da informação a um público passivo. São as “curtidas” (sinais de que outras pessoas gostaram e aprovaram aquela publicação) e principalmente os compartilhamentos – quando um amigo repete em sua página pessoal a publicação de outro) que dão essa relevância, porque ampliam a visibilidade daquela informação, tornando-a informação de massa. Quando não há esse movimento, ela permanece no âmbito doméstico, pessoal; irrelevante para a coletividade.

Como a rede está sequestrada pelas elites financeiras, onde Sevcenko vê os valores neoliberais elevados a dogmas de fé como a base do cenário, a tendência é que as informações relevantes sejam as defendidas pelas elites. “Um ambiente em que se abre espaço para a competitividade agressiva, até a profissão de fé final, que sintetiza a transferência dos valores morais e religiosos dos povos anglo saxões para a política global: “a ganância é um bem”. (greed is good)”. (SEVCENKO, 2004)

Sevcenko lista uma série de indicadores financeiros registrados entre 1989 e 1993, reunidos por Beck Munique e André Gorz, para demonstrar os resultados socioeconômicos do crescimento das políticas neoliberais. No período, houve uma queda de 18,6% nos impostos sobre lucro das empresas, tornando-se apenas metade da renda fiscal dos Estados. (ULRICH BECK, Munique). Em 1979 na Alemanha, o lucro subiu 90% e os salários, apenas 6%; o imposto de renda dobrou, e o das empresas caiu pela metade. Entre 1980 e 2000 países da União Europeia ficaram entre 50% e 70% mais ricos e a população cresceu menos do que a riqueza, porém está mais pobre: 20 milhões estavam desempregados, 50 milhões viviam abaixo da linha de pobreza, 5 milhões eram sem teto (André Gorz in SEVCENKO, 2004)”.

E afirma que a consolidação da rede mundial de computadores marca o início de uma nova era:

“Mas havia muito mais em curso do que apenas o delírio de Reagan e Thatcher de

(4*),The complexity for minimum component costs has increased at a rate of roughly a factor of two per year ... Certainly over the short term this rate can be expected to continue, if not to increase. Over the longer term, the rate of increase is a bit more uncertain, although there is no reason to believe it will not remain nearly constant for at least 10 years. That means by 1975, the number of components per integrated circuit for minimum cost will be 65,000. I believe that such a large circuit can be built on a single wafer.(tradução: A complexidade para componentes com custos mínimos tem aumentado em uma taxa de aproximadamente um fator de dois por ano ... Certamente em um curto prazo pode-se esperar que esta taxa se mantenha, se não aumentar. A longo prazo, a taxa de aumento é um pouco mais incerta, embora não haja razões para se acreditar que ela não se manterá quase constante por pelo menos 10 anos. Isso significa que em torno de 1975, o número de componentes por circuito integrado para um custo mínimo será 65.000. Eu acredito que circuitos grandes como este poderão ser construídos em um único componente (pastilha). (*5): “Segundo dados apresentados por Mota (Daniel Motta professor de estratégia econômica do Insper -Instituto de Ensino e Pesquisa e doutor em economia) baseados no projeto Inter-meios, entre os anos de 1996 e 2014, enquanto o PIB brasileiro cresceu 75%, o total de receitas publicitárias avançou 88%. Mas as verbas investidas em jornais impressos caíram 36%, enquanto as da TV aberta cresceram 120%. Todos os indicadores foram calculados em termos reais, descontando a inflação. Ele acrescentou que os anúncios dos grandes jornais brasileiros são entre seis a dez vezes mais caros do que os da internet.” - Angela Pimenta em Há luz no fim do túnel dos jornais impressos?

Em 09/07/2015 na edição 858 do Observatório da Imprensa. <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ha-luz-no-fim-do-tunel-dos-jornais-impressos/> acesso em 13/06/2016

encarnarem o Adão e a Eva de um novo mundo em versão wasp. De fato, uma nova era estava surgindo. Tomando como base o ano de 1975, quando os circuitos integrados alcançaram o pico de 12 mil componentes, a Revolução Microeletrônica assumiu uma aceleração explosiva. Segundo a Lei de Moore ^(4*), a tendência era que esse número duplicasse a cada dezoito meses. Ou seja, atingindo um liminar máximo de densidade para um circuito integrado, esse equipamento era então utilizado para produzir circuitos mais densos ainda, numa cadeia de transformações cumulativas que se alimentam umas às outras.” (sevcenko, 2004)

Gordon Moore, na época presidente da Intel, fez essa citação em 1965, quinze anos depois de Alan Turing ter previsto que na virada do século teríamos computadores com memória na casa de 1 GB. Em 1975, Moore revisou a sua previsão para, a cada dois anos, um aumento de 100% na quantidade de transistores dos chips mantendo seu custo e um seu colega previu que esse período seria a cada 18 meses. A partir de 2014 há dúvidas se a lei de moore continua valendo.

No mercado de mídia o movimento da economia associado à comunicação em rede em tempo real promove uma crise estrutural e contínua que afeta os meios tradicionais e uma busca também contínua de um novo modelo de negócio pelos grandes oligopólios. O último relatório do Instituto Reuters sobre mídias digitais ^(*1) destaca o papel central dos smartphones também no mundo e um “aumento acentuado no uso de mídia social para encontrar, compartilhar e discutir a notícia.” O terceiro destaque dos analistas, que fazem uma abordagem neoliberal do mercado, é o surgimento de grandes empresas voltadas para criação e distribuição de conteúdos para mídias sociais e celulares.

Apesar de atingido por uma onda de demissões, cortes e falências, resultado principalmente da redução extraordinária na venda de publicidade ^(*5), o mercado brasileiro de mídia – o maior da América do Sul segundo o relatório da Reuters – atraiu três gigantes estrangeiros: Buzzfeed, Huffington Post e o jornal El País, que lançaram versões em português em 2012 e 2013, atraídos

por um público que está entre os maiores usuários de mídias sociais. O relatório compara o debate instalado com a onda de demissões e falências de veículos no Brasil ao que ocorre em Nova York ou Madri: o que se quer é compensar a queda na receita de publicidade tradicional.

Ao analisar o Brasil, os pesquisadores do Instituto Reuters destacam o aumento significativo da participação on-line durante as eleições presidenciais de 2014. A justificativa sugerida no texto é a existência de “um público altamente político e polarizado” nas mídias sociais.

“Facebook, Twitter e Instagram foram inundados com vídeos relacionados com as eleições, paródias e memes - além de discussão e compartilhamento via WhatsApp.” (*1) A comunidade do Facebook do Brasil é a segunda maior do mundo, depois dos Estados Unidos.

A Internet no Brasil segundo a Reuters

59% das pessoas **compatilham notícias** por email e mídias sociais

23% dizem que **usam smartphone** para acessar notícias na rede.

TOP Mídias Sociais

Facebook:70%

YouTube:34%

WhatsApp:34%

Google+:15%

Twitter:15%

Os dados dos dois Institutos citados até aqui – o União Internacional de Telecomunicações, da ONU e o Reuters - são parecidos com o que a última Pesquisa Brasileira de Midia – 2015 (PBM) encontrou e que também destaca um forte crescimento do uso da internet no país nos últimos dez anos, quando o índice de usuários da rede chegou a praticamente metade dos brasileiros, 48%.

“O percentual de pessoas que a utilizam todos os dias cresceu de 26% na PBM 2014 para 37% na PBM 2015. O hábito de uso da internet também é mais intenso do que o obtido anteriormente. Os usuários das novas mídias ficam conectados, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos finais de semana – na PBM 2014, os números eram 3h39 e 3h43 –, valores superiores aos obtidos pela televisão.” (PBM, 2015)

Assim como a mudança no uso dos aparelhos celulares, que passaram a ser uma forma importante de acesso à internet. A partir deste ano, a pesquisa mostra que o celular passa a competir com o uso de computadores (66%) ou notebooks (71%) no acesso à rede. “O uso de redes sociais influencia esse resultado. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%).” (PBM, 2015)

Embora a TV continue hegemônica no Brasil na briga por audiência geral segundo a PBM 2015 (95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente), uma análise mais detalhada dos números, considerando a faixa etária, por exemplo, revela uma tendência de queda estrutural de audiência.

“Observa-se que há uma diferença muito grande entre os extremos da faixa etária, com o percentual de jovens entre 16 e 25 anos assistindo TV sendo 9 pontos menor do que aqueles com mais de 65. O ponto de inflexão está na metade da faixa dos 40 anos, com uma diferença de 3 pp entre as faixas 36/45 e 46/55. Essa distribuição indica que, ao longo das próximas décadas, a audiência da TV vai cair de modo significativo. Assim, a queda notada nos últimos tempos parece ser estrutural e não conjuntural.” (ALVES, 2012).

Ao mesmo tempo, os números relacionados à internet indicam uma prevalência do público mais jovem, que amplia os horizontes da rede.

“Do outro lado do espectro da TV em termos de faixa etária está a internet. Esta é, muito claramente, uma mídia de jovens. Nada menos do que 65% dos que estão abaixo dos 25 anos acessam a Grande Rede todos os dias na semana, contra apenas 4% entre aqueles com mais de 65, e mesmo os 33% entre os que têm mais de 35. Já entre os que não acessam nenhuma vez na semana, apenas 20% estão abaixo dos 25; 93%, acima dos 65 e 52% acima dos 35. Ainda assim, a média Brasil aponta que a internet ainda está longe da TV em termos de frequência de uso diário, pois tem quase a metade do percentual de usuários diários (37% contra 73% da televisão). No entanto, observa-se que, na faixa 16-25 anos, há quase um empate – 69% a 65% para TV.” (ALVES, 2012)

Esta contradição no mercado de mídia mundial leva a posições conflitantes com relação ao seu futuro. Essa divisão apareceu nas discussões do *Fórum Midiático Internacional - Nova Época do Jornalismo: a Despedida do Mainstream*, realizado em junho de 2016 em Moscou, sobre o poder das mídias chamadas “emergentes”, que se contrapõem ao poder avassalador dos meios de comunicação “corporativos”. A importância do evento está relacionada à Julian Assange, que de um exílio que já conta quatro anos, jogou luz sobre este paradoxo durante sua participação, realizada por meio de uma videoconferência transmitida pela internet: chamou a atenção para o surgimento de um monopólio ainda maior do que o das empresas jornalísticas tradicionais, citando expressamente o Google, que hoje controla 80% da informação que flui através dos smartphones conforme seus estudos.

Assange descreveu o Google como parte do Estado estadunidense; recordou que Eric Schimdt, executivo da empresa, visita a Casa Branca toda semana nos últimos dez anos e explicou que esta integração “faz parte de um processo silencioso do Estado de entregar suas estruturas a corporações privadas.” Assange cita como exemplo o controle da segurança nacional, atualmente nas mãos de 1.100 empresas privadas que recebem 85%

do orçamento do país dedicado a área. A fronteira entre o Estado e as corporações está se diluindo, diz o jornalista, que tem repetido que vivemos um “capitalismo de vigilância”, do qual fazem parte o Google, Facebook e Twitter. Assim como Castells, Assange não vê democracia na rede e diz que se engana perigosamente aqueles que acreditam na morte iminente das grandes corporações de comunicação. “O que temos que fazer –destacou – é estar conscientes da natureza deste espaço pelo qual transitamos. É um espaço precário, no qual confluem milhões de vozes, não para estabelecer um debate aberto, mas para funcionar sob um mecanismo de controle massivo”. (ASSANGE, 2016 informação verbal) (*6).

(*6): Julian Assange – Fórum Internacional Midiático Internacional – Moscou – Rússia. Junho/2016. Disponível em http://br.sputniknews.com/trend/forum_midiatico_moscou/

1.2 - Sociedade imagética de hiperconsumo

Para o jornalista e biógrafo James Gleick, o teórico da comunicação Marshall McLuhan antecipou em alguns segundos o significado da informação nas sociedades quando afirmou que seríamos “coletores de informações assim como nossos ancestrais teriam sido coletores de alimentos.”

“Podemos ver agora como a informação funciona no nosso mundo: é o sangue e o combustível, o princípio fundamental. Ela permeia as ciências de cima para baixo, transformando todos os ramos do conhecimento”[...]“Agora até mesmo biologia tornou-se uma ciência da informação, um assunto das mensagens, instruções e códigos. Genes encapsulam informações e permitem procedimentos para lê-lo e escrevê-lo.”(GLEICK, 2013).

A informação passou a ser assunto de investigação da ciência como participante da criação da vida, gerando na medicina um novo campo de ação, em que as decisões acerca de intervenções curativas partem da informação lida nas sequências dos genes do paciente. Os medicamentos são individuais e o tratamento ocorre muito antes dos primeiros sinais da doença, que na verdade é apenas uma probabilidade estatística. Poderia portanto, jamais acontecer. A campanha em prol da nova medicina submetida aos interesses da indústria farmacológica criou casos bizarros, como o da atriz Angelina Jolie, que aceitou retirar os dois seios e ovários como prevenção ao câncer.

O “tratamento”, uma mutilação realizada em uma paciente saudável e jovem – ela tinha então 37 anos – foi amplamente divulgado na mídia e “viralizou” nas redes sociais graças a um bom plano de marketing que incluiu relatos da atriz publicados na forma de artigo pelo *The New York Times* logo depois de cada operação. Nos artigos, Angelina faz um relato de seu caso e justifica a publicação para ajudar outras mulheres como ela a viverem livres da “sombra do câncer”.

"I choose not to keep my story private because there are many women who do not know that they might be living under the shadow of cancer. It is my hope that they,

too, will be able to get gene tested, and that if they have a high risk they, too, will know that they have strong options." (JOLIE, 2013)

Essa “sombra” de que fala Angelina paira sobre os mortais a partir das publicações na mídia sobre a doença, criando um círculo virtuoso para a indústria farmacológica, e vicioso para a população. Na verdade, a atriz deu uma grande contribuição ao laboratório que produz os testes, pois além de detalhar seu caso, fez campanha em prol da democratização do acesso aos testes genéticos, inacessíveis para a maioria da população. O resultado foi um aumento global e persistente da procura pelo teste do gene BRCA¹, associado a risco elevado de câncer de mama e ovários: a procura triplicou na Austrália e duplicou no Reino Unido, partes do Canadá e Índia, (*7), (*8), (*9) e aumentou significativamente em outros países europeus e nos EUA (*10) (*11) (*12).

O mesmo ocorre na alimentação, que no mercado de consumo ganha cardápios específicos ao sabor da disputa mercadológica da indústria, sempre embasados pelas “mais recentes pesquisas” e associados ao bem estar e à boa saúde, que por sua vez é associada ao que aqueles valores anglo saxões apontados por Sevcenko estabelecem como beleza. Considerando a comida e a cozinha sistemas culturais que estruturam linguagens, Helena Jacob concluiu que a culinária “se metamorfoseia em gastronomia” nas sociedades de hiperconsumo (*13) e torna-se uma forma de comunicação, por que

“cria uma espacialidade do show, do grande acontecimento – aquilo que Lipovetski (2010) afirma ser típico da sociedade do hiperconsumo: a busca pelo diferente e exótico. Ao contrário da sociedade de consumo, não basta possuir e usar marcas famosas; no hiperconsumo, ao se consumir, passa-se a fazer parte da marca, buscando se diferenciar nessa fusão de mente e produto. É preciso ter uma

*7: Engel, Mary (September 18, 2014). "Quantifying the 'Angelina Jolie effect'". Fred Hutchinson Cancer Research Center. Retrieved January 13, 2015. *8: Hagan, Kate (November 13, 2013). "Breast cancer: Genetic testing soars after Angelina Jolie's double mastectomy". The Sydney Morning Herald. Retrieved January 14, 2015. *9: Sikdar, Prabeerkumar (February 7, 2015). "Jolie sways Indian women into mastectomy: Doctors". The Times of India. Retrieved February 13, 2015. *10 Jakobsen, Siw Ellen (April 6, 2014). "Angelina Jolie har fått norske kvinner til å genteste seg". Forskning (in Norwegian). Retrieved January 14, 2015. *11: "Ziekenhuizen merken Angelina Jolie-effect: 40 procent meer vrouwen laten zich onderzoeken op borstkankergen". Het Nieuwsblad (in Dutch). April 4, 2014. Retrieved February 13, 2015. *12: Phillips, Greg (February 11, 2015). "AARP Study: BRCA Gene Testing Rates Soar After Angelina Jolie Double Mastectomy Announcement". AARP. Retrieved February 13, 2015.

experiência de vida, comer algo muito diferente do seu cotidiano e, principalmente, ter histórias para contar” (JACOB, 2013).

Na produção, a comercialização global transforma os alimentos em commodities e coloca a fome e os avanços da genética como ferramentas de manipulação dos lucros das corporações. A produtividade nunca foi tão alta, mas mesmo assim, a fome aumenta mundialmente (com exceção do Brasil e da China), um paradoxo explicado pelo sociólogo Jean Ziegler pelo avanço do mercado de commodities sobre a produção de alimentos.

“A cada cinco segundos, uma criança com menos de 10 anos morre de fome, segundo dados do ano passado (2012); 57 mil pessoas morrem ao dia. E 1 bilhão de pessoas, dos 7 bilhões que somos, está sofrendo de subnutrição grave permanentemente, com mutilações. Não têm vida de família nem de trabalho, são destruídas pela subalimentação permanente. O mesmo relatório da FAO, que tem muitos detalhes de cada país, diz que a agricultura mundial, no atual estágio de desenvolvimento, poderia alimentar normalmente 12 bilhões de pessoas com 2,2 mil calorias por adulto, em média. Isso significa que hoje, pela primeira vez desde o início do milênio, não há mais falta objetiva de alimentos. Uma criança que morre de fome neste instante em que falamos está sendo assassinada. O mundo viveu revoluções formidáveis, eletrônica, industrial e tecnológica, de aumento das forças produtivas da humanidade. Pela primeira vez na história, a fome não é mais problema de produção, porque o mundo tem estoque, mas de falta de acesso.” (ZIEGLER, 2012).

O bem comum é a base desses movimentos, embora na prática, beneficie com segurança apenas os rentistas que investem no negócio. Na sociedade em rede, a imagem é favorecida pela evolução e popularização dos equipamentos que a produzem e pela intensa circulação. Nunca antes o corpo humano foi tão fotografado e observado como no século 20, o que aumenta a autocrítica extremada e tirânica (SANT’ANNA, 2014), dirigida pelos valores anglo-saxões defendidos nas mídias. Mais do que condenar os que não

(*13): Ligado ao conceito de hipermodernidade: caracterizada pela exacerbação, intensificação das duas lógicas fundamentais que construíram a modernidade desde o século XVII: do mercado (mercantilização, consumo desenfreado, frenesim pela aquisição de novidades e diversões) e a da individuação. Em A Felicidade Paradoxal – ensaios sobre a sociedade do hiperconsumo – 2010, Gilles Lipovetski

seguem os padrões à pecha de fracassados, a cultura do corpo nas sociedades em rede associam essa estética anglosaxã à saúde física. Segundo Sant'Anna, houve um deslocamento no final do século 19 na Europa e a partir do século 20 no Brasil, sobre o que nos salva das mazelas da vida: se antes o fundamental era cuidar da alma, hoje a nossa salvação vem do cuidado com o corpo.

1.3 - A rede e o trabalho, o trabalho e a rede

A comunicação a distância em tempo real altera a percepção do tempo porque acelera o cotidiano (SEVCENKO) e também porque viabiliza a organização social em rede, anteriormente restrita à vida privada, para os sistemas de produção.

“As redes ao longo da história têm constituído uma grande vantagem e um grande problema por oposição a outras formas de organização social. Por um lado, são as formas de organização mais flexíveis e adaptáveis, seguindo de um modo muito eficiente o caminho evolutivo dos esquemas sociais humanos. Por outro lado, muitas vezes não conseguiram maximizar e coordenar os recursos necessários para um trabalho ou projecto” (CASTELLS, 2005, pag 17)

Segundo o autor, as redes sociais são, historicamente, algo do domínio da vida privada; e o mundo da produção – e do trabalho –, do poder e da guerra eram controlados por grandes organizações verticais – estados, igrejas, exércitos e, da mesma forma, as empresas, que se organizavam a partir de uma autoridade central dominante. Com as novas velocidades da comunicação, o trabalho se reorganiza e surge uma nova lógica.

Para Alves, estamos vivendo uma inflexão quantitativa e qualitativa no salto histórico da humanidade com o “surgimento efetivo (e durável) do processo de produção do capital” no que seria a “terceira idade do capitalismo” (FAUSTO). Sob a globalização, o dinheiro “que cria mais dinheiro. Que almeja, com intensa e incansável pressão ‘fazer’ mais dinheiro” está mundializado e “autonomizado”: há um fluxo contínuo de capital financeiro, que tende “cada vez mais a desprezar as restrições de tempo e de espaço. (HARVEY, 1991).”

“É a percepção da variabilidade sócio-histórica dos modos de regulação da acumulação capitalista que nos permite considerar que presenciamos hoje, no período do capitalismo tardio em crise, a passagem para um novo regime de acumulação do capital e de modo de regulação social e político onde predomina a denominada acumulação flexível (na acepção de Harvey), ou ainda, o período da

mundialização do capital que é caracterizada por um novo regime de acumulação predominantemente financeira (CHESNAIS, 1994).” (ALVES, 1999)

As linhas de produção dos anos 2000 estão organizadas em células autônomas, que seguem metas definidas e gerenciadas pelo mercado financeiro e instigadas pela concorrência individual. A aceleração de que fala Sevcenko é utilizada pelas organizações principalmente para reduzir os custos de produção, eliminando o estoque. Com comunicação em tempo real para qualquer parte do planeta, é possível alterar o ritmo de produção ao sabor do consumo. O mundo torna-se um mapa de oportunidades, permitindo aos que tem acesso à informação movimentar as linhas de montagem dos produtos por todo o globo, em busca de condições mais favoráveis do ponto de vista financeiro. Ou ainda alterar seus portfólios de investimentos ao sabor das oportunidades.

A análise de Castells destas condições em tempo de mídias sociais, difere apenas na identificação da motivação, que para ele não é “demanda de mercado” ou “oportunidade de negócio”, mas “mercado torcido” pela manipulação de grandes massas por meio da aplicação de conhecimento em psicologia das multidões em ações estratégicas dos computadores.

“Esses movimentos não seguem uma lógica de mercado. O mercado é torcido, manipulado e transformado por uma combinação de manobras estratégicas acionadas por computadores, psicologia das multidões a partir de fontes multiculturais e turbulências inesperadas causadas por graus cada vez maiores de complexidade na interação entre os fluxos de capital em escala global.”(CASTELLS, 2005)

As regulações construídas pela luta de classes durante os anos de 1970 e 1980 (ALVES, 1999) que caracterizou o fordismo engessam esses movimentos porque foram criadas para garantir estabilidade, tanto para a mão de obra quanto para o empresariado. Em um parque produtivo flexível essas regras são um impedimento grave para a extraordinária expansão que a rede pode gerar, e que vem sendo removido pelas políticas neoliberais.

“Pressões competitivas, flexibilidade de trabalho e enfraquecimento de mão-de-obra sindicalizada levaram à redução de despesas com o Estado do bem-estar social, alicerce do contrato social na era industrial. As novas tecnologias da informação desempenharam papel decisivo ao facilitarem o surgimento desse capitalismo flexível e rejuvenescido, proporcionando ferramentas para a formação de redes, comunicação à distância, armazenamento/processamento de informação, individualização coordenada do trabalho e concentração e descentralização simultâneas do processo decisório.” (CASTELLS, 1999)

O embate entre os dois modelos os coloca como antagônicos, porém pesquisas de campo mostram que eles convivem até mesmo dentro de uma mesma organização empresarial, entre os diferentes departamentos ou seções, o que no final resulta em uma flexibilidade ainda maior, necessária para a livre movimentação do capital. No fordismo há uma produção rígida de bens discretos, em esteira ou linha de montagem; enquanto que no toyotismo há uma produção flexível em massa por módulos simultâneos. Os dois sistemas convivem de forma complementar segundo Mello e Silva, que realizou estudos de campo sobre sociabilidade em ambientes funcionais organizados em células de produção no parque têxtil da cidade de São Paulo entre os anos de 2001 e 2005.

“Retirando boa parte de sua lógica interna do toyotismo (“modelo japonês”), o fluxo produtivo deve antes de tudo estar sempre em funcionamento, exigindo para a sua manutenção adequada a mobilização permanente do trabalho a ele associado. O fluxo é tenso porque obedece muito estritamente aos movimentos do mercado. Por outro lado, a mobilização permanente do trabalho toma a feição de uma responsabilidade coletiva” (MELLO E SILVA , 2006)

No último ano do século 20, Alves calculava o volume de dinheiro que circulava de forma fluída e em frenesi pelo mundo capitalista em US\$ 30 trilhões. Hoje, mesmo depois do

estouro de uma bolha financeira em 2008, que desencadeou uma crise global sem precedentes, esse valor é de R\$ 58,9 trilhões (*14). Uma riqueza que “provocou instabilidade financeira, arruinando planos nacionais de estabilização”, em virtude da ausência do Estado. Este movimento está apoiado numa maior autonomia do sistema bancário, que ao longo das últimas décadas do século 20

“detonou os mecanismos de regulação do período fordista, tendo em vista que limitaram o poder do Estado-nação, que buscam, hoje, no caso dos Estados capitalistas hegemônicos – a “Tríade”, na acepção de Chesnais (Estados Unidos, União Européia e Japão) -, recuperar seus crescentes poderes de coordenação através do poder de organismos internacionais, tais como o FMI (o Fundo Monetário Internacional) e Banco Mundial, longe do controle democrático, circunscrito à nação-Estado.” (ALVES, 1999).

Alves avalia que “as empresas transnacionais (como matrizes, filiais ou demandantes em contratos de subcontratação transfronteiras) respondem por dois terços do intercâmbio internacional de ‘bens e serviços’. Aproximadamente 40% do comércio mundial pertence à categoria ‘intragrupo’ (CHESNAIS, 1995:4)”. O último relatório da UNCTAD (2015) mostra que o movimento de desregulação dos mercados continua intenso, relatando que 31 novos acordos internacionais de investimentos (IIA na sigla em inglês) foram fechados em 2014, apontando o Canadá como país mais ativo (fechou sete tratados). O total de IIA no começo de 2015 somava 3.271. O relatório aponta ainda outros 50 países e regiões “envolvidos na revisão ou revendo seus modelos de IIA, de forma a adotarem novas abordagens para políticas de investimentos.”

Enquanto na dimensão local e individual esta nova lógica tensiona a tal ponto os

(*14) Valor aproximado, calculado em 2009 pelo economista norte-americano Mike Hewitt com base em dados econômicos de 90 países que somavam 96% do PIB e 84% da população mundial. O Banco Mundial divulga este valor em aproximadamente US\$ 50 trilhões, sendo que o Brasil colabora com cerca de US\$ 1,5 trilhão e os Estados Unidos, com US\$ 15 trilhões. O total de ativos soma um valor três vezes e meia maior – US\$ 170 trilhões. Esse valor é a soma dos depósitos bancários, valor dos títulos públicos e privados e valor atual de todas as ações no mercado informado pelo professor de estratégia econômica do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa) e doutor em economia, Daniel Motta.

trabalhadores, que os torna ainda mais subjugados do que no período anterior, no âmbito coletivo corrói o sentido de solidariedade que uniu a classe até aqui. “Umas contra as outras, mais auto-controladas do que nunca, tensas e cansadas, o exemplo das costureiras mostra os efeitos bastante práticos do desgaste do trabalho fabril.”, escreve Mello e Silva nas conclusões a partir das suas pesquisas de campo, efeitos práticos também encontrados em outros ramos industriais e no setor de serviços.

“As formas de reprodução dos novos modelos produtivos disponíveis parecem prescindir, ao contrário, desses grandes agregados (sociais, como o de assalariados da indústria), jogando todo o peso na saída individual, no comportamento empreendedor que extrai a sua força da competição interna à própria classe, ali onde os processos de trabalho de antanho secretavam formas coletivas de ação – e de ação antagônica. Longe de incluir os assalariados em uma forma de vida, seja de matiz mecânica, seja de matiz orgânica, os métodos de organização do trabalho educam-nos para fora do social, ou seja, para o mercado”. (MELLO E SILVA, 2006)

No âmbito coletivo, o espelho dessa operação definida por Mello e Silva como “des-socializadora” são os Fundos de Pensão, “fundos de ações ou clube de acionistas formados pelos próprios trabalhadores”, que de acordo com grupos de oposição à Central Única dos Trabalhadores (CUT), central sindical brasileira berço das principais lideranças do Partido dos Trabalhadores (PT), financeirizou o movimento sindical e afastou os líderes de sua base, levando a uma crise de representatividade. (JARDIM, 2008)

No chão de fábrica, a nova organização do trabalho tem gerado, conforme pesquisas empíricas e estudos pontuais em diversas categorias (*15), um aumento no número de trabalhadores afastados formalmente com diagnóstico de doenças mental (*16).

(*15): “Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização do fluxo escolar”- Instituto de Psicologia – USP. Renata Paparelli, 2009; “Patologia da solidão: o suicídio de bancários no contexto da nova organização do trabalho” – Faculdade de Economia, Contabilidade e Ciências da Informação e Documentação, Universidade de Brasília – Marcelo Augusto Finazzi Santos, 2009. Caso de pensamentos suicidas na linha de produção na unidade de Videira (SC) da Perdigão, registrados pelo Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina, que afetava entre 12 e 13% dos trabalhadores; e de um surto de depressão entre as vendedoras da rede Casas Bahia em 2004 – (ver Caros Amigos, ed. 210 – “Metas enlouquecem os trabalhadores” – Lilian Primi – setembro 2014). (*16): “Os problemas mentais ou ligados ao comportamento são, atualmente, o terceiro motivo para a concessão de benefícios pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) no Brasil.

“Definida desse modo, essa categoria de produtores informacionais (os trabalhadores programáveis) inclui um enorme grupo de administradores, profissionais especializados e técnicos que formam um ‘trabalhador coletivo’, ou seja, uma unidade produtora formada pela cooperação entre vários trabalhadores individuais inseparáveis. Nos países da OCDE eles podem representar por volta de um terço da população empregada. A maioria dos outros trabalhadores talvez esteja na categoria da mão-de-obra genérica, potencialmente substituível por máquinas ou por outros membros dessa mesma força de trabalho. Esses trabalhadores precisam dos produtores para a produção de seu poder de barganha. Todavia os produtores informacionais não precisam deles, o que representa uma divisão básica no capitalismo informacional, levando à dissolução progressiva dos remanescentes da solidariedade de classe existente na sociedade industrial.” (CASTELLS, 1999).

Em 2013, o INSS pagou 12.691 benefícios motivados por distúrbios mentais e, até agosto de 2014, dos 2,95 milhões concedidos, mais de 7,6 mil foram para trabalhadores com este tipo de problema. No mundo, segundo levantamento do Plano de Ação para a Saúde Mental 2013-2020 da Organização Mundial da Saúde (OMS), os distúrbios mentais representam 13% de todas as doenças e um terço das patologias não transmissíveis. O estudo mede a incidência geral e estima que cerca de 350 milhões de pessoas deverão sofrer de depressão e 90 milhões terão uma desordem pelo abuso ou dependência de substâncias nesse período no planeta. O agravamento do quadro mundial levou a OMS a criar um programa de monitoramento das populações de metrópoles, do qual o Brasil faz parte, o programa Pesquisa Mundial sobre Saúde Mental (The World Mental Health Survey Initiative). (PRIMI, 2014).

Para Alves, essa crise social do trabalho nasce em parte da “contradição candente entre o movimento do capital desterritorializado e o movimento do trabalho assalariado ainda territorializado. Com o processo de globalização, se desenvolve o novo e surpreendente processo de desterritorialização: Formam-se estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais, mundiais ou globais descentradas, sem qualquer

localização nítida neste ou naquele lugar, região ou nação. Estão presentes em muitos lugares, nações, continentes, parecendo flutuar por sobre Estados e fronteiras, línguas, grupos e classes, movimentos sociais e partidos políticos (Ianni, 1992: 93)” (ALVES, 1999).

Essa definição de Alves para as estruturas de poder econômico que foram criadas para atender às necessidades de governança global serve também para as organizações sociais como os coletivos que se multiplicam nas periferias dos grandes centros e ainda mais para organizações políticas de

ação global, como os Anonymous e os Black Blok, a primeira um coletivo de hackers que segue doutrina própria, e o segundo, uma espécie de brigada social armada, decidida a proteger grupos minoritários da repressão do Estado, com orientação anarquista. Essas entidades no entanto, são “marcas” e tem uma conformação muito distante das entidades do movimento social e político da vida real – não há controle central nem coordenação de nenhuma espécie.

As ações e campanhas são lançadas sem identificação de origem na rede, em arquivos e posts (publicações virtuais) em mídias sociais que oferecem o instrumental necessário (estratégias de ação e estética própria, que cria uma identidade pública), e irão acontecer a partir da adesão espontânea e livre de indivíduos ou grupos aos redor do mundo. Isso gerou, durante o levante ocorrido em junho de 2013 no Brasil, grupos diferentes de Anonymous, uma parte atuando em favor e outra contra o governo, que era o objeto dos protestos. A ação dos Black Blok em vários momentos expos ainda mais os manifestantes ao invés de defendê-los.

Alves descreve o que Castells identifica como resultado de uma necessidade funcional de se estabelecer uma governança global e que, diante das resistências dos Estados e dos cidadãos, termina na criação de instituições e redes de interesses que atuam acima dos estados-nação. “Não é o resultado das mudanças tecnológicas, mas a resposta à contradição estrutural entre o sistema global e o Estado nacional”, que não quer, assim como os seus cidadãos, uma governança global. “Aderindo à democracia da comunicação

concorda-se com a democracia directa, algo que nenhum estado aceitou ao longo da história.” (CASTELLS, 2005).

Castells diz que numa sociedade informacional existem dois grandes grupos de trabalhadores, que se contrapõe e que ele define como “mão-de-obra genérica” e “mão-de-obra auto-programável”, em que a qualidade que os diferencia é a capacidade de atingir níveis elevados de educação. Uma mão de obra programável é aquela que “em ambiente organizacional adequado, poderá reprogramar-se para as tarefas em contínua mudança no processo produtivo.” (CASTELLS, 1999). Os trabalhadores genéricos não tem essa competência, sendo capazes apenas de “apertar o botão”, ou receber e executar sinais. Os trabalhadores “programáveis” preferem o vínculo autônomo, se movimentando, como a indústria moderna, de uma oportunidade a outra, sem amarras. O suporte que lhe garante o êxito é o seu conhecimento, flexível e capaz de, além de se adaptar a novas situações, ser crítico e inovador. Os genéricos não são flexíveis e criativos e substituem o antigo “chão de fábrica”, porém em quantidades muito menores.

“Não é apenas a pobreza, é que a economia global e a sociedade em rede trabalham mais eficientemente sem centenas de milhares de coabitantes deste planeta. Temos, assim, a maior das contradições: quanto mais desenvolvemos a elevada produtividade, os sistemas de inovação da produção e da organização social, menos precisamos de uma parte substancial de população marginal, e mais difícil se torna para esta população acompanhar esse desenvolvimento.” (CASTELLS, 2005)

Na economia globalizada e armada com as redes de informação, aparecem no entorno das fontes de riqueza novos concorrentes, empresas e países, interessados em participar da produção, do comércio e do trabalho, criando uma nova “base multicultural de interdependência econômica” (CASTELLS, 2005) e que propiciou um extraordinário crescimento da economia global. (CARDOSO, 2005).

“A economia mundial, liderada pelas economias do G7 e pelas economias industrializadas não-G7, registou um desempenho notável ao longo do período

1989-2001. A América Latina rondou os níveis médios mundiais, enquanto a Europa de Leste e a ex-União Soviética se aproximaram de níveis comparáveis. A África Subsaariana e o Norte de África e Médio Oriente ficaram consideravelmente abaixo da média mundial. Os países asiáticos em desenvolvimento foram responsáveis por uns surpreendentes 60% do crescimento económico mundial, antes de 1995, e por 40% posteriormente, sendo que a China sozinha assumiu metade desse contributo.” (CARDOSO, 2005)

Castells explica que este movimento liga pessoas e locais valiosos ao redor do mundo e desliga os que não interessam para a economia global.

“A tentativa desesperada de alguns desses grupos sociais e territórios para conectar-se à economia global e escapar da marginalidade levou a uma situação que chamo de ‘a conexão perversa’, quando o crime organizado em todo o mundo tirou vantagem de sua condição para promover o desenvolvimento da economia do crime global. O objetivo é satisfazer o desejo proibido e fornecer mercadorias ilegais à contínua demanda de sociedades e indivíduos abastados.” (CASTELLS, 2005).

Para Alves, apesar da robustez dos números apresentados pelas economias de sociedades informacionais e aparente enriquecimento, o mundo viveu durante toda a década de 1990 um “continuum depresso” (longa depressão permeada por períodos de desaceleração, recessão e crescimento não-sustentado), um conceito que toma emprestado de Chesnais (*17) para explicar as origens do novo regime mundial de acumulação do capital e de um novo capitalismo, um processo que começou há mais de 100 anos. Ele enumera de forma didática as principais características da “mundialização do capital”, base desta nova forma de funcionamento do capitalismo:

(*17) “A mundialização é resultado de dois movimentos conjuntos, estritamente interligados, illos dislinhos. O primeiro pode ser caracterizado como a mais longa fase de acumlllaquu ininterrupta do capital que o capitalismo conheceu rJesde 1914. O segllnrJo rJiz respeito its políticlIS de liberalizaçuo, de privatizaçuo, de desrcgulamentaçuo e de desmantelamento de conquistas sociais e democráticas, que foram aplicadas desde o início claclécada de 1980, sob o impulso dos governos Thatcher e Reagan.” CHESNAIS, François. A Mundialização do Capital, Tradução Silvana Finzi Foá, São Paulo, Xamã, 1996, p. 34

“1. Taxas de crescimento do PIB muito baixas, inclusive em países (como o Japão) que desempenharam tradicionalmente o papel de “locomotiva” junto ao resto da economia mundial.

2. Deflação rastejante.

3. Conjuntura mundial extremamente instável, marcada por constantes sobressaltos monetários e financeiros.

4. Alto nível de desemprego estrutural

5. Marginalização de regiões inteiras em relação ao sistema de trocas

6. Concorrência internacional cada vez mais intensa, geradora de sérios conflitos comerciais entre as grandes potências da “Tríade” (Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão).” (ALVES, 2013)

O autor cita como “marco histórico da mundialização do capital a recessão de 1974 - 1975, (quando) o capital procurou, de todas as formas, romper as amarras das relações sociais, leis e regulamentações dentro das quais se achava possível prendê-lo”. Ele cita o poder financeiro adquirido durante os “trinta anos gloriosos” (*18) associado ao uso das novas tecnologias pelas corporações transnacionais como defesa na concorrência com os grupos japoneses, em especial na modificação das relações de trabalho (a introdução do toyotismo descrita por Mello e Silva, por exemplo), com apoio dos Estados sob a forma de políticas de liberalização, desregulamentação e privatização..

No mercado de TI, no entanto, só há crescimento. Dale W. Jorgensen e Khuong M. Vu, falando para um seminário organizado pelo gabinete da presidência de Portugal em 2006, informam o volume de investimentos no setor pelos países e faz uma correlação entre esse volume e o PIB. O estudo analisou a economia de sete regiões do planeta, que abarcam 116 economias. Em todas as regiões ocorreram ondas de investimento em TI,

(*18) Expansão econômica do pós-Segunda Guerra Mundial, também conhecida como o boom econômico pós-guerra ou Era de Ouro do capitalismo, foi um período de prosperidade econômica em meados do século 20, que ocorreu principalmente em países ocidentais após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e durou até início de 1970

com impacto “bastante impressionante ao nível das economias do G7”. (JORGENSEN & VU, 2005) O maior volume de investimento foi registrado nos Estados Unidos, e ligeiramente mais baixos no Canadá, Japão e Reino Unido; enquanto França Alemanha e Itália ficaram muito atrás. As diferenças nas taxas de crescimento do G7 são explicadas pelos autores por uma dispersão considerável dos investimentos em não-TI.

“Embora a vaga de investimento em equipamento de TI e software seja um fenómeno global, a variação na contribuição do investimento em TI aumentou de forma mais pronunciada desde 1995. A seguir ao G7, o aumento mais importante registou-se na Ásia, mas a contribuição do investimento em TI, após 1995, oscilou entre 0,59% na China e apenas 0,06% no Bangladesh. Por seu lado, a Ásia era seguida de perto pelas economias industrializadas não-G7, com liderança da Austrália, Irlanda e Suécia, ou também as de menor desempenho, como a Áustria, Grécia e Espanha. O papel do investimento em TI mais que duplicou na América Latina, Europa de Leste e Norte de África e Médio Oriente, e quase duplicou na África Subsaariana.” (JORGENSEN e VU, 2005).

Um estudo do Cetic (*18) mostra que os gastos das empresas brasileiras com TI apresenta um crescimento linear desde 1988, “sem apresentar ainda uma duvidosa, mas esperada, tendência de diminuição na taxa, devido às reduções do custo de hardware e ao avanço nos estágios de informatização. Os setores de bancos e serviços são os que mais investem em TI, sendo que em 2014 o gasto e investimento em TI nos bancos cresceu para 13,8% da receita dos mesmos e nas prestadoras de serviço, para 10,8%.”

(*19) Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), criado em 2005 como um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil.

1.4 – Identidade na hipermodernidade

Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar.” (BERMAN, 1987)

Para Sevcenko, na passagem do século 19 para o 20, os ritmos do cotidiano ficam acelerados “em consonância com a invasão dos implementos tecnológicos e a ampliação do papel da visão como fonte de orientação e interpretação rápida dos fluxos e das criaturas, humanas e mecânicas”. E prevê que isso irá “provocar uma profunda mudança na sensibilidade e nas formas de percepção sensorial das populações metropolitanas.” (SEVCENKO, 1999). Pouco menos de 100 anos à frente, na virada do século 20 para o 21, os computadores, na versão doméstica ou na sua forma de dispositivo móvel como tablets, smartphones, e-books, notebooks levam as pessoas a entenderem a si mesmas e ao mundo de uma forma totalmente diferente, independentemente de estarem inseridos na metrópole ou perdidos em uma cidadela do Interior de qualquer país. “A relação com um computador pode influenciar concepções das pessoas sobre si mesmas, seus empregos, suas relações com outras pessoas, e com as suas maneiras de pensar sobre os processos sociais.” (TUCKLE, 2005).

No âmbito coletivo, parece ampliar a influência e a disseminação das ideias e concepções de vida (marcada por valores neoliberais) para dentro de sociedades fechadas e a populações historicamente subjugadas. Nos movimentos sociais nascidos na era da informação, nada é muito definido (MAIA, 2016 – Informação verbal), os militantes tendem a recusar e se contrapor a liderança vertical, típica da sociedade industrializada (CASTELLS, 1999), em favor de uma horizontalidade ainda restrita ao discurso e pouco efetiva. Recusam a luta partidária e a briga por cargos públicos e tentam criar um poder paralelo (MAIA, 2016 – Informação verbal). Alves identifica a origem dessas características numa contradição entre as relações tradicionais de produção e a expansão das forças produtivas, classificadas pelo autor como “formidáveis” nas sociedades informacionais:

“Estamos a testemunhar uma crescente contradição entre relações sociais tradicionais de produção e a potencial expansão de forças produtivas formidáveis.

Esta pode ser a última contribuição da teoria marxista clássica. O potencial humano envolvido em novas tecnologias de comunicação e de genética, em redes, em novas formas de organização social e de invenção cultural, é verdadeiramente extraordinário.”(ALVES, 1999)

Castells, em conferência realizada em Belém, Portugal, em 2005, identifica a dificuldade dos intelectuais tradicionais em compreender o mundo atual, e de uma postura “particularmente crítica” ao novo ambiente tecnológico dos que “estão minados no seu papel público”, no que diz respeito ao funcionamento social e às relações de classe numa sociedade informacional:

“No seu ponto de vista, as novas tecnologias destroem empregos, a Internet isola, nós sofremos de excesso de informação, a info-exclusão aumenta a exclusão social, o Big Brother aumenta a sua vigilância graças a tecnologias digitais mais potentes, o desenvolvimento tecnológico é controlado pelos militares, o tempo das nossas vidas é persistentemente acelerado pela tecnologia, a biotecnologia leva à clonagem humana e aos maiores desastres ambientais, os países do Terceiro Mundo não precisam de tecnologia mas da satisfação das suas necessidades humanas, as crianças são cada vez mais ignorantes porque estão sempre a conversar e a trocar mensagens em vez de lerem livros, ninguém sabe quem é quem na Internet, a eficiência o trabalho é sustentada em tecnologia que não depende da experiência humana, o crime e a violência, e até o terrorismo, usam a Internet como um medium privilegiado, e nós estamos rapidamente a perder a magia do toque humano. Estamos alienados pela tecnologia. Ou então, nós podemos reverter tudo o que eu acabei de escrever exactamente para o seu sentido oposto, e entraremos no paraíso da realização e da criatividade plena do ser humano, induzidas pelas maravilhas da tecnologia, na versão em espelho da mesma mitologia, desta vez propagada por consultores e futurologistas, muitas vezes em representação de um dado papel para empresas de tecnologia.” (CASTELLS, 2005)

O autor trata da rede como uma ferramenta nascida da evolução científica e identifica os movimentos sociais como parte da gênese do novo mundo, juntamente com a revolução tecnológica e a crise econômica do capitalismo e do estatismo. Segundo o autor os movimentos sociais dos anos de 1960 e 1970, que faziam uma afirmação da autonomia individual contra o capital e o Estado, alteraram a importância da identidade social: “Essas idéias prepararam caminho para a construção de comunas culturais na década de 90, quando a crise de legitimidade das instituições da era industrial obscurecia o significado de política democrática.” (CASTELLS, 1999). Castells diz que por trás da crítica que fazem à “sociedade do consumismo”, das greves de trabalhadores (na França), do auxílio às esquerdas políticas (na Itália), há na verdade um grande incentivo à renovação capitalista nas ações que propõem.

“Sua profunda separação da política trabalhista tradicional contribuiu para o enfraquecimento da mão-de-obra sindicalizada e, com isso, facilitou a reestruturação capitalista. Sua abertura cultural estimulou a experimentação tecnológica com manipulação de símbolos, constituindo um novo mundo de representações imaginárias que evoluíram para a cultura da virtualidade real. Seu cosmopolitismo e internacionalismo lançaram as bases intelectuais para um mundo interdependente. E sua aversão ao Estado enfraqueceu a legitimidade dos rituais democráticos, apesar de alguns líderes do movimento terem prosseguido no intuito de renovar as instituições políticas.” (CASTELLS, 1999)

O autor vai chegar a um novo conceito com a análise das relações criadas pelo não espaço e não tempo e organizados em redes, que chama de “cultura da virtualidade real”: onde a imagem em si da pessoa fica “submersa” no ambiente virtual, um “mundo do faz-de-conta, em que os símbolos não são apenas metáforas, mas abarcam a experiência real” (CASTELLS, 1999). Resultado do modo como as pessoas “vivem” na rede – seus movimentos, publicações, amigos, compras -, que acontecem de forma concomitante e que são, por outro lado, intensamente monitorados por vários agentes sociais: aqueles ligados à produção e comércio (que geram anúncios dirigidos ao perfil de consumo nas mídias sociais, por exemplo, ou direcionam a apresentação de resultados em buscas no

google, ou oferecem programas de música, lista de livros ou opções de restaurante “por demanda”); ao Estado (relacionados a segurança social, segurança pública, saúde e fiscal).

“Os valores e interesses predominantes são construídos sem referência ao passado ou ao futuro no panorama intemporal das redes de computadores e da mídia eletrônica, em que todas as expressões ou são instantâneas, ou não apresentam sequência previsível. Todas as expressões de todos os tempos e de todos os espaços misturam-se no mesmo hipertexto, reorganizado e comunicado a qualquer hora, em qualquer lugar, em função apenas dos interesses dos emissores e dos humores dos receptores. Essa virtualidade é nossa realidade porque está na estrutura desses sistemas simbólicos intemporais desprovidos de lugar cujas categorias construímos e cujas imagens, também por nós evocadas, modelam o comportamento, influenciam a política, acalentam sonhos e provocam pesadelos.”
(CASTELLS, 1999)

No descompasso da evolução, que ocorre de forma diferente nas várias sociedades existentes – há uma sobreposição das culturas e valores e uma coexistência que configura o caos e ao mesmo tempo, a força capaz de gerar revoluções. “As sociedades da Era da Informação não podem ser reduzidas à estrutura e à dinâmica da sociedade em rede. De acordo com minha exploração de nosso mundo, parece que as sociedades são formadas pela interação entre a Net e o Ser, entre a sociedade em rede e o poder da identidade.” (CASTELLS, 1999). O confronto entre as classes na sociedade em rede, na análise de Castells, pode terminar em um

“entrincheiramento das elites globais dominantes em palácios imateriais feitos de redes de comunicação e fluxos de informação. Enquanto isso, as pessoas teriam sua experiência confinada a múltiplos locais segregados, sua existência subjugada e sua consciência fragmentada. Sem nenhum Palácio de Inverno para ser tomado, focos de revolta poderão eclodir, transformados em insensata violência diária.”
(CASTELLS, 1999)

O psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker vai usar os conceitos de Donna Haraway (Manifesto Cyborg) para explicar como se lida com a identidade numa sociedade da informação, e no lugar de “indefinida” como diz MAIA, usa o termo “híbrida”: nem masculina, nem feminina; sem uma genealogia determinada ou pactos "naturais" entre grupos, marcada por um profundo sentimento de precariedade existencial, como se estivéssemos imersos no cenário construído por Ridley Scott em Blade Runner.

“Trabalho contínuo e disponibilidade permanente caracterizam a cultura funcional do século 21 e produzem estragos subjetivos que tem como traços clínicos mais mencionados a irritabilidade, a reatividade, agressividade impulsiva e transtornos de sono e do sonho [DUNKER]. E cria um novo paradoxo nessa ‘vida híbrida’ de identidade indefinida, porque a rapidez e o fluxo contínuo das trocas de mensagens deixa pouco espaço para a indeterminação. O psicanalista ressalta ainda os efeitos desastrosos nas relações sociais e afetivas principalmente, que vai da vigilância extremada e abusiva implementada pelos pais sobre seus filhos (ou pelo empregador sobre os trabalhadores ou ainda, pelo Estado sobre os cidadãos) por meio dos celulares e câmeras de vigilância e até a troca íntima de menagens. (PRIMI, 2013)

O psicólogo diz que a ideia desenvolvida nos anos de 1960 por Marshall McLuhan, de que a tecnologia seria uma extensão das faculdades do corpo, no século 21 se traduz na intensa medicalização: as drogas de performance como o metilfenidato (ritalina) são administradas tanto para crianças com problemas de desempenho escolar, quanto para pessoas sem problema algum, apenas desejosas de melhorar a sua performance. O debate se dá em torno da validade moral e ética de tal medida, que também é questionada quanto às consequências reais para a saúde de quem se utiliza dela. Nas relações afetivas, o desastre se dá pela “não mensagem” que pode ser entendida como “mensagem”.

“Entre casais e namorados os efeitos são desastrosos. Conclusões e inferências são realizadas a partir de emails, que parecem uma comunicação "verbal", mas não

contém prosódia (tom de voz); a não resposta a uma mensagem de texto ou Facebook é tomada como indiferença ativa. Segundo Christian, a ilusão de comunicação total "em tempo real" literalmente "cria" mensagens onde o que ocorre pode ser apenas uma "máquina emperrada", ou um bug do sistema. Uma ambiguidade, bem vinda no contexto presencial, pode ser extremamente agressiva no ambiente virtual." (PRIMI, 2013).

É de castells a definição mais precisa sobre as divisões sociais básicas na Era da Informação: a divisão começa com a fragmentação da força de trabalho em produtores informacionais e trabalhadores genéricos (substituíveis). Paralelo à essa fragmentação ocorre a exclusão social da população “desconectada” – consumidores e trabalhadores desgastados, ignorados como pessoas e por fim, a “separação entre a lógica de mercado das redes globais de fluxos de capital e a experiência humana de vida dos trabalhadores”. E também do jogo político: “Jogos estratégicos, representação sob medida e liderança personalizada substituem eleitorados de classes, mobilização ideológica e controle partidário, características da política da era industrial.” (CASTELLS, 1999)

2. Parte dois

A cultura como fonte de poder e o poder como fonte de capital
são a base da nova hierarquia social da Era da Informação.
CASTELLS, 1999

2.1 Os genes e os memes

O principal elemento da comunicação autocomandada, o meme, é uma transposição do conceito de gene para o universo da informação feita pelo biologista Richards Dawkins, baseado na teoria da evolução por seleção natural de Charles Darwin. A mesma estrutura de moléculas e células que formam o corpo humano pode ser vista claramente nas sociedades em rede, onde cada indivíduo é uma célula, que por sua vez formam inúmeras sub-redes, interligadas e flexíveis, que se movem de acordo com interesses e necessidades específicas. As mídias sociais podem ser descritas como uma reprodução etérea em escala planetária da rede social real, que grupos de pessoas pobres e ricas constroem para sobreviver, baseada na troca e na ajuda mútua.

Dawkins define nossos corpos – e de tudo o mais que tem vida - como máquinas de sobrevivência dos genes, que ele chama didaticamente de replicadores. São os iniciantes da vida na Terra. “Eles nos criaram, corpo e mente. E sua preservação é a razão última de nossa existência. Transformaram-se muito, esses replicadores. Agora eles recebem o nome de genes e nós somos suas máquinas de sobrevivência.” ... “Somos máquinas de sobrevivência, mas ‘somos’ não significa apenas pessoas. Inclui todos os animais, plantas, bactérias e vírus.” (DAWKINS, 2007)

Não interessa discutir aqui a validade do conceito central de Dawkins, que conforme avisa o próprio autor, “É um argumento com o qual alguns de meus mais respeitados colegas recusam-se obstinadamente a concordar”. Interessa apenas entender a origem e a natureza dos memes, um termo cunhado por Dawkins para se referir aos pacotes de informações e valores culturais que se espalham pela rede de computadores a velocidade ainda maior do que a medida na evolução celular, e que se tornou popular e de uso generalizado nas sociedades em rede.

Para Dawkins, a “transmissão cultural é análoga à transmissão genética no sentido de que embora seja basicamente conservadora, pode originar um tipo de evolução.” Dawkins afirma que a evolução cultural da humanidade atingiu complexidade suficiente para a construção de um novo caldo, onde estaria nascendo um novo tipo de replicador –

construtor de máquinas de sobrevivência. “O novo caldo é o caldo da cultura humana.” E o novo replicador, o meme. O geneticista chegou a este termo a partir do nome de uma musa grega da poesia e da música, “Mimeme”, que reduziu a “meme”, para se aproximar do som de gene. Escolheu um “substantivo que transmite a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007). Sincronicamente, meme em francês significa memória.

“É por imitação, em um sentido amplo, que os memes podem replicar-se. Mas, da mesma maneira como nem todos os genes que podem se replicar têm sucesso em fazê-lo, da mesma forma alguns memes são mais bem sucedidos no "fundo" do que outros. Isto é análogo à seleção natural.” (DAWKINS, 2007). Para Gleick, "em evolução cultural, um meme é um replicador e propagador, uma idéia, uma forma, uma carta em cadeia, ou uma teoria da conspiração. Em um dia ruim, um meme é um vírus" (GLEICK, 2013). Castells também define a organização em redes – de identidade, Estado e economia – como resultado da evolução social.

Em *O gene Egoísta*, Dawkins diz que seu “propósito é examinar a biologia do egoísmo e do altruísmo” (DAWKINS, 2013), onde altruísmo é a capacidade de fazer uma escolha que beneficie o grupo, mesmo quando essa escolha não beneficie, ou mesmo prejudique o indivíduo. E egoísmo é a qualidade de sempre escolher a opção de maior vantagem individual, que na sua forma implacável teria garantido a sobrevivência do nosso gene. “Os nossos genes sobreviveram, em alguns casos por milhões de anos, em um mundo altamente competitivo. Isto nos permite esperar certas qualidades em nossos genes. Sustentarei que uma qualidade predominante a ser esperada em um gene bem sucedido é o egoísmo implacável.” (DAWKINS, 2007)

Na última década do século 20 e na primeira do 21, seja pelas mãos da pirataria, ou pela generosa e democrática janela das lan houses e mais recentemente, das redes de wifi livre, a evolução social descrita por Castells permitiu a populações histórica e desde sempre isoladas do conhecimento, acesso quase ilimitado ao saber humano – ou limitado pela capacidade de compreensão do indivíduo - e deu-lhes instrumentos e tecnologia para

criar, buscar, manipular e publicar informações na forma de memes nas redes sociais, utilizadas intensamente em campanhas e mobilizações de grandes massas de pessoas com os mais variados fins.

“A maleabilidade tecnológica dos novos media permite uma muito maior integração de todas as fontes de comunicação no mesmo hipertexto. Logo, a comunicação digital tornou-se menos organizada centralmente, mas absorve na sua lógica uma parte crescente da comunicação social.” (CASTELLS, 2005). O autor chama essa nova comunicação de “comunicação autocomandada”. O ambiente em que ela circula, a “mídia” em seu sentido genérico, é portanto, vivo e real.

“Mídia como o que o Aristóteles chama de BIOS – isto é, a cidade investida politicamente. É a sociabilidade da polis. Não é carne, o que chamamos de biológico hoje. Aristóteles fala de três bios: do conhecimento, do prazer e da política. Eu descrevo a mídia como o quarto bios, que é o bios midiático, virtual. Da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas. É real, tudo que se passa ali é real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas.” (SODRÉ, 2001).

A dinâmica da comunicação social é essencial na formação da consciência e da opinião, e a base do processo de decisão política (CASTELLS, 2005) e a ideia do embate entre egoísmo e altruísmo na história da evolução biológica do planeta proposto por Dawkins pode justificar como, mesmo com espaço para o contraditório e a democratização brutal do acesso a informação, a hegemonia dos grupos financeiros e suas ideias neoliberais - que representam uma parcela minoritária da população do planeta - se mantém também cultural, social e politicamente. Cardoso identifica essa mesma polarização, chamando o que para Dawkins é “egoísta” de “individualismo” (neoliberais). “Altruísta” torna-se “comunalismo” para Gustavo Cardoso, que sustenta que a polarização instalada nas redes sociais representa essas duas forças, presentes na evolução social: “Por individualismo entende-se aqui a construção de sentido em torno da concretização dos projectos individuais. E por comunalismo a construção de sentido em torno de um conjunto de

valores definidos por uma colectividade restrita e internalizados pelos seus membros.”
(CARDOSO, 2005)

“Diferentes observadores têm olhado para estas duas tendências como potenciais fontes de desintegração das actuais sociedades, enquanto as instituições sobre as quais elas assentam perdem a sua capacidade integradora, isto é, são cada vez mais incapazes de fornecer sentido às pessoas: a família de modelo patriarcal, as associações cívicas, as empresas e, acima de tudo, a democracia representativa e o Estado-Nação, pilares fundamentais da relação entre a sociedade e as pessoas, ao longo do século XX (Castells, 2003; 2004, Giddens, 2000). (CARDOSO, 2005)

Partindo dos três pressupostos apresentados até aqui – de que o embate entre individualistas e comunalistas gera a evolução da sociedade, que se organiza em redes onde o fluxo de informação conduz o fluxo da vida -, pretendo mostrar a realidade criada pela mídia do final dos anos de 1980, véspera da consolidação das mídias sociais, durante a campanha eleitoral para presidente no Brasil. Nas eleições de 2014, com as mídias sociais consolidadas, as medições de rede mostraram forte polarização entre dois candidatos – que depois das eleições, se transferiu para forças a favor ou contrárias ao governo -, semelhante a que ocorre em torno de questões sociais como racismo, questões de gênero e assistência social. Os dois candidatos se posicionariam de forma altruísta (ou comunalista conforme conceito de Cardoso) de um lado; e de forma egoísta (os individualistas na análise de Cardoso) de outro.

Se a imprensa tem sua gênese como uma “esfera pública burguesa” e foi, nas sociedades modernas, transformada em ferramenta para operar o escândalo político (THOMPSON, 2010), nas eleições de 1989 essa polarização teria sido manipulada pelos jornais para beneficiar o candidato Fernando Collor de Melo, que melhor defendeu a força conservadora e que efetivamente, venceria o pleito. A manipulação da mídia – em especial da Rede Globo de Televisão - nesta eleição, a quarta perdida pelas forças ditas

“progressistas” que tiveram como candidato majoritário Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi amplamente estudada (*1) e finalmente admitida por José Bonifácio Sobrinho, um dos diretores da rede de TV no final de novembro de 2011. Boni, como era conhecido, fez a declaração como estratégia de divulgação do seu livro, o “O Livro do Boni”. (*2) (*3).

A primeira tarefa é encontrar uma forma comparável de análise que supere a diferença primordial entre as duas mídias: na rede física, a comunicação é vertical, intermediada e sem interação com o seu público, enquanto que nas mídias sociais ela é horizontal, autocomandada e direta.

A análise dos movimentos nas mídias sociais digitais são feitas por meio de softwares que manipulam grandes volumes de dados – como as plataformas de buscas, ou de “mineração” de palavras ou dados – ou capazes de combinar de forma aleatória (como na natureza, portanto), número crescente de variáveis. Os streams de música se utilizam desses softwares – recombina centenas de atributos da música escolhida inicialmente pelo ouvinte para selecionar a seguinte, que é novamente recombina para novamente selecionar uma nova canção sem nunca se afastar dos gêneros e estilos que mais agradam ao ouvinte.

(*1) “A eleição presidencial de 1989 pode ser considerada um marco nos estudos brasileiros de comunicação e política, pois, ainda que os pleitos de 1985 e 1986 (eleições municipais e estaduais) tivessem dado origem a estudos que discutiram as relações entre a política e a comunicação, este entrelaçamento é verificado, de modo mais evidente, naquele ano. No estudo inaugural, antes citado, sobre a bibliografia do campo de comunicação e política no Brasil, Antonio Albino Canelas Rubim e Fernando Antonio Azevedo observam que “este acontecimento eleitoral, ao fazer emergir em toda sua potência estas novas conexões entre mídia e política, começa verdadeiramente a conformar um campo de estudos sobre comunicação e política no país” (RUBIM e AZEVEDO, 1999). Em “Os Estudos sobre mídia e eleições no Brasil.” Antonio Albino Canelas Rubim (UFBA), Fernando Antonio Azevedo (UFSCAR), Cláudio Leal (UFBA), Débora Alcântara (UFBA) e Lilia Magalhães (UFBA). Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), que analisa cada um dos episódios midiático-eleitorais e os estudos realizados sobre cada um destes episódios. Disponível em:

http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4189&Itemid=316 . Acesso em 21/06/2016

(*2) “Todos já sabiam sobre a manipulação de imagens por parte do jornalismo da Rede Globo, no Jornal Nacional, um dia depois do debate do dia 14 de dezembro de 1989 entre os candidatos à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello. Agora, no entanto, 22 anos após o ocorrido, o homem que formatou o “Padrão Globo de Qualidade” simula uma “revelação bombástica” para lançar sua nova obra, “O Livro do Boni”: a Globo manipulou o debate.” Matéria completa disponível em Pragmatismo Político - <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/11/apos-22-anos-boni-admite-que-globo.html> Acesso em 21/06/2016

(*3) Depois desta derrota, o PT daria uma guinada na sua forma de atuação política, aderindo ao jogo majoritário de composição e alianças, e efetivamente venceria as eleições seguintes, e as seguintes, permanecendo no poder por três mandatos e meio (14 anos). Dilma Rousseff, a candidata eleita pelo PT após Lula, teria seu segundo mandato interrompido em maio de 2016 por um processo de impeachment

Esse mecanismo tem sido utilizado pela psicologia social nas pesquisas que fazem “medições de rede” para análise de personalidade, por exemplo, ou para sondar a opinião pública a respeito de determinado tema. No caso de eleições, o mais comum é a análise do movimento no twitter e no Facebook, com programas que criam mapas de ligações e de posicionamento dos clusters – pontos (ou endereços virtuais como contas de twitter ou páginas de facebook) onde há movimento intenso e vários cruzamentos -, que na rede funcionam como formadores de opinião, chamados graphos. O que esses programas registram são os movimentos de cada perfil, traçando linhas de ligação entre o perfil que fez a publicação e o que a aprovou por meio das curtidas ou de compartilhamento. Este último é mais auspicioso do ponto de vista de relevância porque constrói linhas de ligação entre o publicador original e todos perfis ligados a quem republicou. A audiência se expande em círculos, como as ondas que a pedra provoca ao bater na água.

Um exemplo destas análises são as feitas por Fabio Malini no Laboratório de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santos (Labic-UFES). A mostrada abaixo mede o movimento em torno da votação da Proposta de Emenda à Constituição 171/93, (PEC 171/93), que diminui a maioria penal de 18 para 16 anos. A medida foi posteriormente engavetada no Senado, mas a sua discussão e aprovação na Câmara Federal envolveu manobras ousadas do presidente da casa, Eduardo Cunha (*4). As medições de Fábio mostram os humores na rede com relação ao tema, que provocou grande polêmica e “polarizou”. (ver figura 1). De acordo com os jornais, os deputados defenderam a proposta confiantes em uma pesquisa de opinião que indicou a aprovação de 87% da população. Malini publicou uma análise onde afirma que, de acordo com suas medições, essa maioria foi promovida pela “robotização na difusão política” do tema, ou seja, da repetição mecânica de posts e informações publicadas por perfis favoráveis à aprovação da PEC:

(*4). O texto final da PEC 171/93 aprovado pela Câmara reúne (“apensa” na linguagem jurídica) outras 39 PECs propondo a redução da maioria penal, sendo que a 171 é a mais antiga (mais de 20 anos).

FIGURA 1 -

MAIORIDADE PENAL:

MAIS NÃO DO QUE SIM NO TWITTER (1)

A robotização na difusão política do tema da "maioridade penal" criou uma sensação para muitas autoridades que a redução da idade penal é uma causa já ganha pelos conservadores, mas as interações - pelo menos no Twitter - vão mostrando o inverso: já se formou uma articulação social entre ativistas e um bom número de veículos de imprensa, isolando o discurso conservador.

A rede, baseada em 48.707 ReTweets, coletados entre 20 de março a 20 de junho de 2015, é uma das cartografias que fiz onde mais aparecem veículos de imprensa, que atuam fazendo "ativismo midiático", ora interessados em noticiar o andamento do tema no Congresso, ora em enunciar que a redução não soluciona, em nada, a segurança pública no país. Não por acaso, mesmo sendo uma pauta parlamentar, poucos deputados e senadores se manifestam abertamente sobre a questão no Twitter, em função do FlaxFlu que essa agenda gera.

Ao mesmo tempo a proposta de "Eduardo Cunha" - votar logo a redução - fez amplificar novos protagonistas da sociedade civil (rede vermelha), com destaque para o perfil @amanhecercontra. Essas mobilizações - com forte protagonismo juvenil - trazem elementos novos para o ativismo, misturando táticas publicitárias, de ocupação de espaços físicos e ações de engajamento virtuais, com forte criatividade social.

A rede azul se inclina mais com a perspectiva do governo federal, que se declara em oposição à redução. A rede marrom (os favoráveis à redução) é permeada de robôs que republicam Sherazade, Eduardo Cunha, Rodrigo Constantino, Bolsonaro

e algumas representações policiais e religiosas, que vão ficando isoladas pelo trabalho de compartilhamento feito pelo público que segue os perfis de mídia.

Essa é também uma rede em que aparece um bom número de vloggers (contra a redução), associados à cultura do Youtube, e conectados a uma forte cultura juvenil.

Alguns dados:

Amostra de 148 mil tweets, coletados entre 20 de março a 20 de junho de 2015, contendo 48707 Retweets. (MALINI, 2015)

O movimento que Fabio descreve aparece na sequência de graphos que foram feitos no período a partir dos tweets (figura 2). O primeiro foi feito em junho com os dados coletados entre 20 de março a 20 de junho e os demais, mostram a evolução do movimento desde o início dos debates até a aprovação.

FIGURA 2 – Movimento no twitter em torno da aprovação da redução da maioria penal

Nas eleições de 1989 não haviam mídias sociais virtuais e a “mídia” era composta pelos veículos de imprensa – redes de TV, as mais relevantes, rádio, jornais e revistas impressas -, que mediavam a comunicação entre os candidatos e seus eleitores e aglutinavam os debates. Não existe, portanto, “movimento” algum para ser medido. A alternativa para identificar como as forças políticas são posicionadas nos debates polarizados em um jornal

impresso são os softwares de análise de sentimentos, utilizados nas pesquisas de psicologia social para análise de personalidade.

O programa escolhido – Iramuteq e R, ver mais no tópico 2.4 – utiliza algoritmos que estabelece pesos diferentes para as palavras, com valores calculados a partir do número de vezes em que ela aparece em frases negativas ou positivas, criando uma polaridade entre sim e não, bom e ruim, etc e que consideram também o contexto em que a informação circula (ou é publicada) (KOLCHYNA et alli., 2015).

Esta plataforma pode ser ajustada para que essa polaridade seja da mesma natureza da identificada nos movimentos das mídias digitais, de forma que a análise de um corpus de texto formado pelas publicações acerca das eleições em um jornal impresso, identifique os atores que a publicação atribui como defensores de um e de outro lado. Antes de prosseguir na explicação de como isso será feito – assunto tratado no capítulo 3 -, é preciso definir alguns conceitos envolvidos na disputa de poder, que são o conceito de público e privado e de manipulação da linguagem. Estes assuntos serão tratados nos dois próximos tópicos.

2.2 O público, o privado e a mídia

O papel da mídia no jogo político está ligado à criação do espaço social, onde a distinção entre o que é público e privado se altera ao longo da história. O conceito construído pelo pensamento grego antigo (*5), que o domínio privado era o da família e do trabalho (e também da violência) e o público, o da liberdade e da pólis (e também do diálogo), se transformou na virada do século 19 para 20 em virtude da evolução tecnológica. (SEVCENKO, 1992; THOMPSON, 2010). Hannah Arendt identifica em sua obra *A Condição Humana*, uma transformação nestes conceitos no processo de formação das sociedades modernas que chamou de “o surgimento do social” a partir dos séculos 17 e 18. Arendt aponta a realização em espaços públicos de tarefas que antes eram realizadas no confinamento do lar, entre elas, o trabalho (nasce os trabalhadores e os empregados). Não trata, no entanto, da evolução das tecnologias da comunicação, o que Thompson aponta como determinante:

“Por que ela não levou em consideração o impacto que poderia ter potencialmente a emergência das mídias comunicacionais? De alguma forma é curioso que ela as tenha ignorado – afinal, a autora enfatizava a importância da linguagem e do discurso como aspectos constitutivos da polis no pensamento grego antigo. Então, por que não considerar a possibilidade de que a linguagem e o discurso constituintes do domínio público pudessem ser afetados de maneira significativa pela nova mídia impressa que emergia no início da era moderna?” (THOMPSON, 2010)

Thompson vai encontrar esta análise em Habermas, que “difere significativamente da perspectiva de Arendt”:

“Enquanto a emergência da economia capitalista implicava no crescimento da troca de bens, as sociedades do início do período moderno na Europa também testemunhavam, a partir dos séculos 16 e 17, uma crescente troca no nível da

(*5) Em Arendt, H. *A Condição Humana*. Tít. Original: *The Human Condition*. Trad. Jorge de Sena. Ed. Livros do Brasil. 1961.

informação, precipitada pela ascensão do jornal impresso e outros periódicos. É isso o que Habermas descreve como a emergente esfera pública da sociedade civil ou a ‘esfera pública burguesa’. Ela passou a existir na medida em que novos órgãos de informação não eram parte do Estado e sim estruturados separadamente dele e baseavam-se nas atividades de indivíduos em busca de seu próprio empreendimento dentro da sociedade civil. Assim, esse novo tipo de esfera pública era, em certo sentido, um espaço no entremeio – isso é, entre o Estado, por um lado, e o domínio privado do domicílio e da família, por outro.” (THOMPSON, 2010)

Thompson localiza o berço deste novo “espaço público” nos cafés e salões de Londres e Paris do século 18, onde o debate literário evoluiu das letras para questões mais gerais até chegar às questões políticas, alimentado pelos jornais, que eram cada vez mais numerosos e ajudavam “a estimular o debate e a incitar clamores por reformas políticas essenciais. A imprensa tornou-se um fórum para o debate político crítico, fornecendo um comentário crítico sobre as ações de oficiais do estado.” (THOMPSON, 2010)

Os jornais impressos são tratados como a “esfera pública burguesa” por Habermas e Thompson

chama a atenção para a seletividade deste grupo. O critério de entrada, embora fosse “aberto a todos”, era a educação e a propriedade, portanto, uma pequena parcela participava dele. Opiniões e ideias que surgissem nesses debates de forma individual poderia caminhar para formar a “opinião pública” por meio do debate racional e crítico, o que Habermas chama de “princípio da publicidade” e que foi perdido com a evolução das sociedades modernas e industrializadas.

“Parte da explicação deve-se à perda gradual de importância da cultura dos cafés do século XVIII – muitos cafés fecharam e deixaram de ser possíveis pontos de encontro onde as pessoas liam jornal e debatiam os assuntos do dia. Mas a imprensa dos jornais e dos periódicos também havia mudado: foi assumida por empresas comerciais de grande monta mais direcionadas ao entretenimento e ao lucro do que no desenvolvimento de um debate racional e crítico entre cidadãos. O

conteúdo dos jornais tornou-se despolitizado, personalizado e sensacionalista”. (THOMPSON, 2010).

Apesar disso, os jornais não se afastariam da disputa política e, juntamente com o rádio e a TV, se configuram no final do século 20 como uma poderosa ferramenta para a disputa de voto, operando o que Thompson chama de “escândalo político midiático”. Antes do desenvolvimento da mídia os políticos eram julgados a partir da comparação com outros cidadãos em situações de copresença – dependiam, segundo Thompson, em larga medida de sua aparência física. Com as mídias eletrônicas, é possível transmitir conteúdos simbólicos sem limites de espaço e em tempo real, e isso alterou substancialmente o espaço de atuação dos políticos.

“Some-se a isso a riqueza visual da televisão e o palco está montado para o florescimento de um novo tipo de intimidade na esfera pública – o que eu chamei de “intimidade não-recíproca à distância” (THOMPSON, 1995). Agora os líderes políticos podem abordar assuntos como se fossem da família ou como se fossem amigos.” (THOMPSON, 2010)

A luz, no entanto, não é seletiva e esta ampliação da visibilidade e da possibilidade de intimidade também trouxe riscos novos, que se relacionam à ideia de privacidade, invasão de privacidade e escândalo moral. Thompson localiza o primeiro uso do termo “escândalo” entre os séculos 16 e 17 em vários países da Europa, associado a “quebra de códigos morais que podiam ser, embora não tivessem necessariamente que sê-lo, de caráter religioso”. (THOMPSON 2002). Com a evolução nas formas de comunicação, em especial depois da descoberta das redes elétricas e a microeletrônica, Thompson diz que alterou-se completamente a “natureza do que poderíamos chamar de ‘publicidade’”, que não precisa mais necessariamente implicar no flagrante por um grande número de pessoas. O ato moralmente rejeitado e portanto, escandaloso, pode ser gravado e transmitido para um público, que na web pode tornar-se assustadoramente numeroso.

Na primeira década do século 21 essas noções estavam alteradas pela mídia social, que tornou o acesso ao público de massa aleatório, popularizou os equipamentos e a

tecnologia de produção e edição de som e imagens e tornou mais vulnerável o que Thompson chama de “capital simbólico”, formado pela reputação de uma pessoa ou instituição ao longo da existência. Os resultados aparecem em pesquisas como a realizada pela SaferNet em 2012 (*2) sobre os hábitos

virtuais de 2.834 jovens entre 9 e 23 anos. Os dados mostram, além de uma forte adesão à rede – 62% deles utilizam a internet todos os dias; ou 86% dos que tem entre 18 e 23 anos –, uma perigosa liberalidade com relação à informações pessoais, até então restritas à esfera privada: 60% partilham dados pessoais; e um em cada quatro jovens já namorou pela internet. Dos mais de 2.800 entrevistados, 20% receberam textos ou imagens sensuais e eróticas, tão comuns que ganharam um termo de identificação, os “nuds”. Outra pesquisa envolvendo a vida na rede de jovens, esta no Brasil e no mesmo ano, descobriu altos índices de agressão sofridas na rede por este público, que vão da exibição não consentida de imagens constrangedoras à difamação e perseguição. Do total de entrevistados, 72,7% relataram ao menos um episódio de agressão em seis meses e 75,6% disseram ter sido vitimizados ao mesmo uma vez no período. (WENDT, 2012)

Uma terceira pesquisa, esta divulgada em agosto de 2013 pela Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra as Crianças (NSPCC, na sigla em inglês) (*3) quantifica o cyberbullying, que teria atingido uma em cada cinco crianças em 2012 no Reino Unido e que 10% dos adolescentes entre 11 e 16 anos eram bombardeados diariamente com insultos e ameaças na internet. Na compilação de 2015 os números de abuso sexual haviam crescido 8%. Entre os casos citados como exemplos nas reportagens publicadas sobre a pesquisa, havia o que envolveu a morte de Hannah, que estaria ligada às atividades de um site criado na Letônia como uma plataforma para se fazer qualquer tipo de pergunta para os participantes, sem necessidade de se identificar, chamado Ask.fm. O site tinha, em 2013, 60 milhões de seguidores registrados em 150 países e denúncias de ao menos seis suicídios de adolescentes que teriam ocorrido em função de cyberbullying

(*2) Safernet é uma associação civil criada por cientistas da computação e advogados para conter a violência infantil e a pornografia infantil na rede. A pesquisa tem coleta de dados online aberta, foi lançada em 2012 e ainda está ativa. Disponível em <http://www.safernet.org.br/site/noticias/safernet-realiza-pesquisa-sobre-h%C3%A1bitos-seguran%C3%A7a-internet> (último acesso em 19/06/2016)

cometido através dele. (PRIMI, 2015).

“Hoje, quando um indivíduo está no espaço de sua casa ou quarto e entra na rede, divulgando informações sobre si mesmo a milhares ou milhões de outras pessoas, em que sentido este indivíduo está situado na esfera privada? Ele pode estar num espaço privado que é o da casa, mas ao mesmo tempo está participando de uma arena pública de disseminação de informação. Então nós não podemos pensar no que é privado exclusivamente, ou mesmo primariamente, em termos de um espaço físico. O privado agora consiste cada vez mais em um domínio desespacializado de informação e de conteúdo simbólico sobre o qual o indivíduo acredita que deva exercer controle, independente de onde esse indivíduo e onde essa informação possam estar localizados.” (THOMPSON, 2010)

A definição das fronteiras da esfera pública torna-se em “novo campo de batalha nas sociedades modernas, um terreno disputado em que os indivíduos e organizações travam um novo tipo de guerra da informação”. (THOMPSON, 2010). E uma arma poderosa na disputa política, um campo onde mais do que em qualquer outro, se usa de todos os meios para se obter e controlar informações sobre os outros e sobre si mesmo, com todo tipo de problemas e dificuldades que isso implica.

“Trata-se de um terreno em que as relações de poder estabelecidas podem ser abaladas, vidas podem ser prejudicadas e até, em alguns casos, reputações podem ser perdidas.[...] Há algo novo na maneira como nossa vida se desenrola agora num ambiente em que a capacidade de revelar e ocultar, de tornar coisas visíveis e evitar que outros o façam, são muito mais difíceis de se controlar. Isso cria uma arena permanentemente instável em que vazamentos, revelações e aberturas podem perturbar os planos mais bem arquitetados.” (THOMPSON, 2010)

No Brasil o uso de notícias que provocam escândalo e revolta é usado, segundo Pedro

(*3)A NSPCC é uma organização social voltada para a defesa da infância e trabalha principalmente contra a violência infantil, sexual ou de qualquer outra forma. Sua pesquisa é uma compilação do serviço de atendimento e ajuda online, que atende crianças em perigo. A pesquisa de 2015 está disponível em <https://www.nspcc.org.uk/globalassets/documents/annual-reports/childline-annual-review-always-there-2014-2015.pdf>. Último acesso em 19/06/2016

Guaresch, sociólogo e autor da edição brasileira do livro Escândalo Político, de Thompson, de forma intensa e sistemática há mais de 50 anos, no âmbito da política em sua maioria relacionados à políticos dos campos mais progressistas.

2.3 – A realidade do não tempo no não espaço

Convidada a participar de um debate do *Fórum Brazil* (*4) sobre *Mídia, Percepção e Consolidação da Democracia Brasileira*, a jornalista inglesa Sue Branford (*5) terminou afirmando que o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, [em curso até o momento] foi na verdade um golpe aplicado pelo Congresso com uma importante ajuda dos veículos de mídia do país, pois “fraquezas estruturais” dessa mídia dificultam a consolidação da democracia no país. Entre as razões, ela aponta a concentração extrema nas mãos de famílias de perfil conservador. Usa como apoio a análise do jornalista e empresário de comunicação Mino Carta (“reacionária e conservadora”; “presa pelo cordão umbilical ao poder e aos detentores de poder”) e da ONG Repórter Sem Fronteiras, que em seu último relatório diz que “a propriedade de mídia no Brasil continua muito concentrada nas mãos de famílias industriais poderosas que frequentemente são próximas da classe política”, e que “de forma mal velada, os principais veículos da mídia nacional incitaram o público a derrubar a presidente Dilma Rousseff”. (*4)

Brandford ressalta a existência de um sentimento de ódio ao Partido dos Trabalhadores (PT), o partido de Lula e Dilma, entre a elite do país, presente desde que foi criado, porém “mais visível quando ameaça o status quo”. E se refere às eleições de 1989 como sendo uma dessas vezes, lembrando da edição “maliciosa” do debate entre os dois candidatos, favorecendo explicitamente Fernando Collor de Melo. E faz uma distinção importante sobre o papel dos veículos da imprensa nesse processo: a relevância e a eficiência na manipulação da opinião pública não se deve unicamente à publicação massiva de matérias com teor negativo ao candidato que se quer destruir, mas às distorções e mesmo alterações grosseiras dos fatos em prol de um lado da disputa, de forma a recriar a realidade de acordo com interesses.

(*4) Conferência realizada em junho/2016 para debater a crise política do Brasil organizada por estudantes brasileiros de várias universidades britânicas. Participaram das mesas especialistas e acadêmicos como o ex-ministro Celso Amorim, o ministro do STF, Luis Roberto Barroso e o procurador do MPF Deltan Dallagnol. Disponível em: <http://brazilforum.co.uk/index.php/speakers/>

(*5) Sue Branford morou no Brasil em duas ocasiões, quando foi correspondente da BBC, do Guardian, do Financial Times e do Times. Foi analista da BBC para a América Latina durante dez anos e hoje é editora no Latin America Bureau (LAB), agência de notícias sobre a América Latina, disponível em www.lab.org.br.

No caso em questão, as eleições de 1989, o debate citado pela jornalista foi editado de forma a ressaltar o bom desempenho de Fernando Collor de Melo e os tropeços de Luis Inacio Lula da Silva. Na cobertura do impeachment de Dilma, Brandford resalta a seletividade nas denúncias de corrupção, concentradas sobre o PT e dissimuladas quando envolve políticos dos partidos de oposição, em especial o PSDB. O presidente do Grupo Folha, Otavio Frias Filho, que também fazia parte da mesa, usou o seu direito de resposta para desqualificar as afirmações de sua colega britânica, acusando-a de ser “militante petista”, mas se calou frente ao conteúdo da cobertura dos jornais *New York Times*, *Wall Street Journal*, *Washington Post*, citada por ela: todos apontaram o “caráter grotesco de ter deputados extremamente corruptos falando de corrupção do PT. E na Europa, a revista alemã *Der Spiegel* chegou a descrever a votação [do impeachment na Câmara Federal] como a Revolta dos Hipócritas” (BRANDFORD, 2016)

Ao usar o termo “ligado por cordão umbilical”, Mino Carta faz uma referência precisa ao nascimento da comunicação em rede no Brasil, que só teve alcance nacional a partir dos anos de 1970 com o surgimento da televisão, fato que por sua vez só se tornou possível com a implantação de infra-estrutura física para tanto, financiada pela ditadura militar.

“Do ponto de vista político, o papel central da mídia, sobretudo da mídia eletrônica, em particular a televisão, foi inicialmente reconhecido pelo Estado militar durante o regime autoritário. Foram os militares e seus aliados civis que – por razões, em primeiro lugar, de segurança nacional, e de mercado, em segundo – criaram as condições de infra-estrutura física indispensáveis à consolidação de uma mídia nacional. E foram também eles que primeiro fizeram uso político dela, não só com o recurso à censura, mas sobretudo com o apoio ‘conquistado’ – explícito em muitos casos – das principais redes impressas e eletrônicas, algumas consolidadas durante o próprio período militar.” (LIMA, 2004)

Essa proximidade “umbilical” como diz Carta, nasceu do que a pesquisadora Suzy Santos definiu como “tríplice aliança”: o governo federal, que financiaria a infra-estrutura e teria o monopólio das telecomunicações; os grupos financeiros, liderados pela Rede Globo,

como provedores de conteúdo fortemente voltado para o entretenimento; e os grupos políticos locais e regionais, responsáveis pela distribuição e parte significativa do jornalismo, podendo em troca, recolher a publicidade oficial das prefeituras e dos governos estaduais (SANTOS et alli, 2005). Um exemplo da profundidade das relações de Roberto Marinho com o governo militar é a reclamação do ministro da Comunicação Euclides Quandt de Oliveira, encontrada no despacho de 18 de junho de 1978 (*6), de que Roberto Marinho “não iria se conformar” com a sua posição, que era a de impedir que a Globo se tornasse hegemônica no mercado, ultrapassando mais de 80% da audiência, como efetivamente ocorreu mais adiante.

O documento relata uma reunião que teria ocorrido no gabinete da Casa Civil entre ele, Goubery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil na época, Armando Ribeiro Falcão, ministro da Justiça, e o empresário Roberto Marinho. O objetivo era tratar da expansão da rede de TV e rádio do grupo, que vinha sendo barrada por Oliveira pelas razões já mencionadas. Marinho começa lembrando dos benefícios que sua empresa havia trazido até ali para as comunicações do país e para o governo, afirma que “o comportamento da rede globo fá-la (sic) merecedora de atenção e favores especiais do governo”; exige que “em toda cidade do Interior onde a TV Globo possuir retransmissora, quando for aberto edital de televisão, ele deve ser adjudicado a uma emissora Globo”; e termina com a ameaça de vender a rede e paralisar todas as atividades de educação e sociais sob sua responsabilidade caso não fosse atendido em suas pretensões.

A posição política dos principais veículos de mídia do país não mudou desde então. De acordo com boletim do Manchetômetro (gráfico 1) , um website de acompanhamento da cobertura midiática das eleições do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP) (*7) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado por João Feres Júnior, 53% dos

(*6) O documento integra a exposição Coronelismo Eletrônico: as concessões de radiodifusão na história política do Brasil, organizada pelo Grupo de Pesquisa Políticas e Economia da Informação e da Comunicação (PEIC). Íntegra disponível no anexo 1.

(*7)LEMEP: grupo de pesquisas com registro no CNPq, sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Monitora diariamente as capas dos principais veículos de mídia impressa do Brasil desde 2014 e tem estudos das eleições de 1998)

colunistas e editorialistas do jornal *O Globo*, 36% da *Folha de S. Paulo* e 50% do *Estadão* se posicionaram favoráveis ao impeachment. O *Estadão* não tem um único colunista contrário ao afastamento da presidente e a *Folha*, que tem o menor índice de favoráveis, tem 55% neutros.

GRÁFICO 1 -

Cobertura do processo de impeachment segundo análise do Manchetômetros (*8)

A ampla e unanimemente reconhecida boa reputação de Dilma Rousseff, um capital simbólico construído durante toda sua vida, não lhe valeu neste processo. Aparentemente ficou encoberta por uma realidade de corrupção criada pela mídia por meio daquela seletividade de que falava a jornalista inglesa - agravada pela ineficiência do governo - desde o primeiro mandato petista. A imagem pública de Dilma torna-se a de uma mulher corrupta e indigna. O jornalista Venício Lima compara as técnicas aplicadas neste processo à manipulação da linguagem ocorrida na Alemanha durante o Terceiro Reich, descrita por Vitor Klemperer, um filólogo de origem judaica que conseguiu permanecer fora dos campos de concentração e pode, portanto, testemunhar como a sociedade alemã foi levada a apoiar o nazismo.

“O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram

(*8): Meios de comunicação investigados: jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. Análise da capa dos jornais (Justificativa: poder comunicativo maior do que as notícias do miolo da publicação). O método de estudo empregado é a análise de valência, avaliada levando em conta se: a manchete ou chamada, e o texto que a acompanha, é positiva, negativa, neutra ou ambivalente para a imagem do candidato, partido, pessoa ou governo a qual faz referência. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/metodologia/>

aceitas inconsciente e mecanicamente. [...] Se, por longo tempo, alguém emprega o termo “fanático” no lugar de “heroico” e “virtuoso”, ele acaba acreditando que um “fanático” é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói.” (KLEMPERER, 2009)

Venício diz que processo semelhante ocorreu no Brasil com a palavra “mensalão”, que nos anos de 1980 se referia a uma parcela de pagamento mensal do imposto de renda de pessoa física. Com o tempo, foi sendo associada a corrupção e mais a frente, ao governo do PT. O jornalista faz esta análise ao escrever um artigo em que deveria fazer um balanço do ano de 2013, marcado por fortes manifestações contra o governo e de insatisfação generalizada, que ficaria conhecido como o “levante de junho”. Para ele, o acontecimento mais importante não apenas em 2013, mas ao longo dos oito anos anteriores, foi a “formação de uma linguagem nova, seletiva e específica, com a participação determinante da grande mídia, dentro da qual parcela dos brasileiros passaram a ‘ver’ os réus da Ação Penal nº 470, [conhecida popularmente como Operação Lava Jato] em particular aqueles ligados ao Partido dos Trabalhadores.” (LIMA, 2013)

“Ainda em 2006 (cf. capítulo 1 de Mídia: crise política e poder no Brasil; Editora Fundação Perseu Abramo) argumentei que uma das consequências mais visíveis da crise política foi o aparecimento na grande mídia de uma série de novas palavras/expressões como mensalão, mensaleiros, partidos do mensalão, CPI do mensalão, valerioduto, CPI chapa-branca, silêncio dos intelectuais, homem da mala, doleiro do PT, conexão cubana, operação Paraguai, conexão Lisboa, república de Ribeirão Preto, operação pizza, dança da pizza, dentre outros.” (LIMA, 2013)

Para Lima, nos últimos trinta anos a mídia vem ampliando a sua importância no processo de socialização, no lugar da família, igrejas, escola e grupos de amigos e ganhando um papel mais importante, que “decorre do poder de longo prazo que ela tem na construção da realidade através da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana – das etnias (branco/negro), dos gêneros (masculino/feminino), das gerações (novo/ velho),

da estética (feio/bonito), etc. – e, em particular, da política e dos políticos.” (LIMA, 2013) A associação, apontada por Sant’Anna, da beleza segundo critérios anglosaxões a boa saúde, por exemplo.

Voltando à Thompson, os veículos de imprensa se caracterizam por atuar como uma esfera pública da vida civil, que permite uma “publicidade mediada”, convivendo com a publicidade da copresença realizada em colegiados, conselhos e fóruns, porém complementada e “também inseparavelmente interligada com a publicidade mediada que veio a surgir com a mídia comunicacional.” Lembrando que as principais fontes de informação acessadas nas mídias virtuais são extensões dos grupos hegemônicos de comunicação, as mídias sociais seriam, portanto, como os cafés ingleses e parisienses do começo do século passado, renascidos e incrivelmente potencializados pela falta de limites de tempo e espaço e regidos pelos valores do pensamento liberal (*9).

Castells diz que “a dominação do espaço mediático, sobre as mentes das pessoas, trabalha com base num mecanismo fundamental: presença/ausência de mensagens. Tudo e todos os que estão ausentes deste espaço não podem chegar às mentes do público, pelo que se tornam uma não entidade.” (CASTELLS, 1999) Na prática, deixam de existir. O pesquisador afirma que o “modo binário de política mediática” exige a presença para construir uma hegemonia, ou para fazer frente a ela, também sem limites de tempo e espaço. Apesar do fato da rede mundial ter superado a rede de TV como fonte preferida de notícias, ainda é a TV, no Brasil especificamente a TV Globo por meio de seus vários veículos, que alimenta os veículos virtuais e por consequência, as mídias sociais. Isso explica, em parte, a manutenção da hegemonia das corporações de comunicação, apesar da democratização do acesso aos meios de produção de informação.

Castells, Thompson e Alves reconhecem que há uma alteração na relação de poder e as medições de Malini demonstraram, desde 2013 até 2015, algumas batalhas em que as

(*9) Uma das ideias centrais do pensamento político liberal era a de que os indivíduos têm certos direitos básicos ou liberdades civis, como liberdade de expressão e de livre associação, e que esses direitos são necessários para a proteção individual em relação ao uso excessivo do poder do Estado. É por esse motivo que, na tradição do pensamento liberal, há limitações ao poder do Estado e este se torna ilegítimo ao excedê-los. Ideia inserida na Constituição dos Estados ocidentais modernos, mais notadamente na Declaração de Direitos Norte-Americana (American Bill of Rights).

forças altruístas, em geral subjugadas, vencem as egoístas, mas nestes casos sempre há um componente orgânico ligado à onda virtual, como o caso da ocupação das escolas em São Paulo, que barrou um projeto de redução de salas e reorganização da rede estadual de ensino. O movimento, liderado pelos estudantes secundaristas, usou as mídias sociais como ferramenta de comunicação e mobilização e também para dar visibilidade à causa, sistematicamente ignorada pela mídia hegemônica. Com intervenções quase diárias na cidade transmitidas por meio de posts no Facebook, twitter e pelas páginas de mídias ativistas, acabaram furando o bloqueio na mídia hegemônica, que incluiu os atos em suas pautas. As distorções, no entanto, permanecem: a ocupação torna-se invasão; a brutalidade das forças policiais é escondida e a ação dos manifestantes, criminalizada.

O relato de Victor Klemperer sobre a forma como, diariamente, o Terceiro Reich atuou para manipular a opinião dos alemães reforça a importância do tempo neste processo, e mais do que a repetição, da constância no tempo. O filólogo, casado com uma alemã ariana, foi um dos únicos intelectuais judeus de Dresden que conseguiu primeiro, se livrar dos campos de concentração e depois, se esconder da perseguição durante todo o período do nazismo. Escreveu seus Diários (*10) como uma forma de manter a sanidade e deixou, com isso, um documento importante para o entendimento de como um homem pode controlar a mente da população de um país inteiro por tanto tempo e impondo valores tão profundamente desumanos.

"O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões ou frases, impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas mecanicamente. [...] Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar." (KLEMPERER, 1947)

Se a observação crítica diária de Klemperer nos ajuda a entender a manipulação que levou a população alemã a apoiar incondicionalmente a barbárie do Terceiro Reich, a

(*10) KLEMPERER, Victor - Os diários de Victor klemperer - Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista 1933-1945. Cia das Letras, 1999

observação diária e crítica sobre o que os jornais publicaram a respeito dos políticos, dos partidos e das eleições igualmente nos dará maior compreensão do processo que provocou a derrota de Lula em 1989; o que o fez ganhar pela primeira vez em 2002, se reeleger, eleger sua sucessora, e principalmente, do processo que ajudou na vitória de Dilma para o segundo mandato.

2.4 – Metodologia

A primeira grande inovação no uso da rede mundial de computadores em campanhas eleitorais aconteceu nos Estados Unidos, numa disputa interna do partido dos Democratas para escolha de um candidato a presidente. Howard Dean propôs a sua candidatura a presidente dos Estados Unidos em 2002 como o “tiro no escuro” dos democratas. De oitavo numa lista de 12 proponentes, tornou-se o mais provável candidato do seu partido no outono de 2003. Seu grande feito foi a criação de um meio de arrecadação pela internet, hoje disseminado não apenas entre políticos, baseado em pequenas doações voluntárias – os crowdfundings – e inspirado nos bit coens, a moeda virtual criada pelos jogos de computador para a realização de trocas e pagamentos de prêmios. Usando o Meetup.com para rastrear apoiadores e incentivar a participação popular na campanha, acabou cunhando um termo para simpatizantes doadores, os Deanites, ou, mais comumente, Deaniacs. (ou ainda pejorativamente por "Deany Boppers", ou "Deanie Babies"), Dean se tornou o primeiro em arrecadação naquela candidatura. Sua campanha arrecadou no total, US\$ 50 milhões e bateu o record de Clinton, de 1995, que foi de US\$ 10,3 milhões em três meses. Dean conseguiu US\$ 14,8 milhões no terceiro trimestre de 2013. (OLIVEIRA, 2016)

“Os fundos de Dean vieram em grande parte de pequenas doações feitas através da Internet; a doação média global foi de apenas 80 dólares. Este método de captação de recursos oferece várias vantagens importantes sobre captação de recursos tradicionais, além do interesse da mídia inerente no que era então uma novidade. Em primeiro lugar, o levantamento de dinheiro na Internet foi relativamente barato, em comparação com os métodos convencionais, tais como eventos, telemarketing e campanhas de mala direta. Em segundo lugar, como os doadores, em média, contribuíram muito menos do que o limite legal (2.000 dólares por pessoa), a campanha poderia continuar a solicitá-los durante toda a temporada eleitoral.” (OLIVEIRA, 2016)

Essa campanha é citada por Castells – que a define “campanha de revolta” – como um caso em que a “comunicação sem obstáculos e a auto-organização ao nível sociopolítico” emerge, ultrapassa o sistema de media e desafia a política formal. “É por isso que de facto os governos são ambíguos em relação aos usos da Internet e das novas tecnologias. Eles apreciam os seus benefícios, porém temem perder o controlo da informação e da comunicação em cujo poder sempre se apoiaram.” (CASTELLS, 2005). Dean conseguiu criar sua rede atraindo bloggers, que “pela primeira vez viram-se integrados numa campanha política onde eram reconhecidas as suas características distintas enquanto público. Daí que, mesmo não se identificando com o candidato em si, não deixaram de admirar os esforços empreendidos pela equipa do candidato e contribuíram para a campanha com conteúdos próprios.” (OLIVEIRA, 2016).

A experiência foi repetida na campanha de Barak Obama em 2008 e hoje está disseminada de forma generalizada, não apenas entre políticos. Campanhas políticas se valem também de análises e pesquisas de opinião, e as novas tecnologias de informação tiveram avanços fantásticos nesse campo, em especial na análise de grandes volumes de dados, ou de “big data”. Entre as ferramentas para análise de big data mais populares desenvolvidas para aplicação nas mídias sociais na última década estão os robôs, construídos para replicar determinadas informações ou provocar debates que levem à republicação em larga escala de uma informação específica. Até programas capazes de julgar automaticamente a personalidade de alguém, “uma habilidade essencial para uma vida bem realizada, já que personalidade é um fator-chave por trás das interações das pessoas, comportamentos e emoções.” (YOUYOUA, KOSINSKIB, e STILLWELLA, 2014). O julgamento feito pelo computador pode ser mais preciso do que aqueles realizados pela mente humana segundo estudo realizado por pesquisadores ingleses e estadunidenses envolvendo 86.220 voluntários que responderam a um questionário com 100 itens.

“Usando diversos critérios, mostramos que os julgamentos de personalidades das pessoas feitos pelos computadores com base em suas pegadas digitais são mais precisos e válido do que julgamentos feito por suas outras pessoas próximas ou conhecidos (amigos, família, cônjuge, colegas, etc.). Nossos resultados destacam

que a personalidade das pessoas pode ser prevista de forma automática e sem envolver habilidades sócio-cognitivas humanas.” (YOUYOUA, KOSINSKIB, e STILLWELLA, 2014)

Esses novas ferramentas estão por traz de aplicativos para mídias sociais (Facebook, twiter, WathsSap e dispositivos móveis em geral) para diversão – como aqueles que identificam o par perfeito ou a cor preferida, faz a programação de sua rádio pessoal ou organiza uma lista de sugestão de leitura; comercial: a busca por determinados produtos ou assuntos no Google direcionam desde os anúncios que aparecem nas páginas por onde navega, dispara spans (emails publicitários) para sua caixa de correspondência virtual ou coloca o número do seu celular em mailings de calls centers; e na comunicação em si: Essa tecnologia tem se utilizado da “randomização” dirigida pela demanda para organizar o fluxo de informação na rede e isso desencadeia uma espécie de segregação voluntária, ao mesmo tempo em que, como alerta Dunker e Castells, aproxima e amplifica o poder das “minorias” ou “redes do mal”.

O uso deste tipo de programa para análise do conteúdo dos textos publicados em jornais foi avaliado como viável pelo Prof. Dr. Wagner de Lara Machado, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Profissão e Ciência da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Camp), que tem experiência no uso dessas ferramentas para análise de personalidade utilizando os dados do Facebook. Há ainda um blog especializado que mostra diversas formas de uso da interface R. Entre as publicações um bom exemplo é a que analisa as ligações entre os ministros e a chanceler alemã, Angela Merkel feitas pelas reportagens sobre o governo publicadas na imprensa local. (*10)

O programa escolhido é o IRAMUTEQ, (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), software gratuito com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud (Lahlou, 2012; Ratinaud & Marchand, 2012) e licenciado por GNU GPL (v2), que se ancora no software R (www.r-project.org) e na linguagem Python (www.python.org). Ele pode realizar diversos tipos de análises de

(*10)Disponível em <http://www.r-bloggers.com/constructing-a-network-of-politicians-from-newspaper-data/>. Acesso em 28/06/2016

textos, “desde as mais simples (cálculo de frequência de palavras), até multivariadas (classificação hierárquica descendente, análise pós-fatorial) (Lebart & Salem, 1994; Doise, Clemence & LorenziCioldi, 1992).” Para a análise que se pretende, o programa oferece dois tipos prováveis: o Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e o de análise de similitude, detalhados abaixo:

“Os segmentos de texto são classificados em função dos seus respectivos vocabulários, e o conjunto deles é repartido em função da frequência das formas reduzidas. A partir de matrizes cruzando segmentos de textos e palavras (em repetidos testes do tipo $X \times 2$), aplica-se o método de CHD e obtém-se uma classificação estável e definitiva (REINERT,1990). Esta análise visa obter classes de segmentos de texto que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes (CAMARGO, 2005). A partir dessas análises em matrizes o software organiza a análise dos dados em um dendograma da CHD, que ilustra as relações entre as classes. O programa executa cálculos e fornece resultados que nos permite a descrição de cada uma das classes, principalmente, pelo seu vocabulário característico (léxico) e pelas suas palavras com asterisco (variáveis). Além disto, o programa fornece uma outra forma de apresentação dos resultados, através de uma análise fatorial de correspondência feita a partir da CHD. Com base nas classes escolhidas, o programa calcula e fornece-nos os segmentos de texto mais característicos de cada classe (corpus em cor) permitindo a contextualização do vocabulário típico de cada classe. O que são estas classes de palavras e de segmentos de texto? Em nível do programa informático, cada classe é composta de vários segmentos de texto em função de uma classificação segundo a distribuição do vocabulário (formas) destes segmentos de texto. Em nível interpretativo Reinert (1990), ao estudar a literatura, utilizou a noção de "mundo", enquanto um quadro perceptivo-cognitivo com certa estabilidade temporal associado a um ambiente complexo. Em pesquisas no campo da linguística e comunicação estas classes são 6, interpretadas como campos lexicais (CROS, 1993) ou contextos semânticos. Em

pesquisas sobre representações sociais, tendo em vista o estatuto que elas conferem às manifestações linguísticas, estas classes podem indicar teorias ou conhecimentos do senso comum ou campos de imagens sobre um dado objeto, ou ainda apenas aspectos de uma mesma representação (VELOZ, NASCIMENTO-SCHULZE e CAMARGO, 1999).

Análise de similitude – Esse tipo de análise baseia-se na teoria dos grafos (Marchand & Ratinaud, 2012) e é utilizada frequentemente por pesquisadores das representações sociais (cognição social). Possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura da representação. (CAMARGO e JUSTO, 2013)

A escolha entre os dois, ou a criação de uma plataforma híbrida, implica em um novo projeto de pesquisa.

Parte 3

É real, tudo que se passa ali é real,
mas não da mesma ordem da realidade das coisas.

Muniz Sodré, 2001

3.1 Conclusão

Castells conclui, no final do terceiro volume de *Sociedade da Informação*, que estamos vivendo o surgimento de uma nova sociedade e as análises e relatórios apresentados neste estudo mostram uma parte pequena do que estas mudanças provocam no cotidiano dos cidadãos do século 21, em especial aqueles moradores dos grandes centros urbanos, mas não apenas para eles. A rede mundial de computadores, em que pese seja apenas uma ferramenta dependente de quem a opera, transforma-se em um espaço determinante do ponto de vista social, cultural e econômico a partir do surgimento das mídias sociais e a sua consolidação como a expressão mais visível do que Muniz Sodré chama de “o quarto BIOS”. Resultado da evolução tecnológica, a rede pode ser entendida como a versão virtual da sociedade a que serve, e assim, é resultado também da evolução social (CASTELLS, 2005).

No mercado de mídia o primeiro sinal da destruição é a perda de receita publicitária, que vem de arrasto pela perda de audiência/leitores. As mídias sociais alteraram a relação entre o veículo e o seu leitor (ou ouvinte, ou telespectador, ou internauta), que passou a produzir notícia, criando o que está sendo chamado de jornalismo participativo, ou jornalismo ativismo quando está ligado a grupos ou movimentos sociais. Para os velhos jornais impressos, por exemplo, sobra pouco espaço de manobra, já que existem grandes dificuldades em garantir ao seu leitor a necessária experiência de parceria e coparticipação que as redes virtuais permitem.

A solução nos dois âmbitos – o comercial e o da audiência – segue a lógica da rede. As melhores tentativas de recuperação de receita tem sido a arrecadação pulverizada e incerta dos *crowding found*, o método utilizado pelo democrata Howard Dean para financiar sua campanha, ainda não consolidado. No campo da recuperação de audiência, o caminho mais promissor é o investimento em jornais locais e regionais, que formam uma rede aglutinada em uma publicação central, em geral online.

“Com o jornalismo participativo sendo praticado paralelamente na web, especialmente a partir dos blogs, os outros meios de comunicação sentiram

necessidade de se engajarem na busca pela integração com seus leitores. Além dos jornais, instigando-os a participar e comunicar os problemas do cotidiano, redes de jornais aproveitam para investir no jornalismo participativo local, envolvendo notícias específicas sobre a comunidade. Este é o caso do grupo Gannet.” (DORNELLES, 2014)

O Gannet é o editor do U.S. Today, jornal estadunidense emblemático, que no passado já foi usado como modelo para estratégias de reação a crises de audiência. Com a chegada da TV, o US Today foi o primeiro a abandonar os longos textos analíticos e se concentrar em notícias curtas e rápidas, organizadas em páginas muito coloridas e fartamente ilustradas. A aposta no jornalismo local começou com uma investigação pública convocada por um dos jornais do grupo, o *The News –Press*, de Fort Myers, Flórida. O jornal recebeu a notícia de que os moradores teriam de pagar US\$ 45 mil para conectar a água e o esgoto ao sistema de abastecimento. Ao invés de entregar o caso para um repórter investigativo, convocou os leitores para investigar o valor. Acabou conseguindo que uma fonte interna revelasse um acordo ilegal entre dois competidores da licitação da obra (TIRABOSCHI, 2007). A partir disso foram instituídas mudanças que estabeleceram uma “nova prática colaborativa”, incluindo a criação de Centrais de Informação que substituíram as redações em 2011 em 2011, e a reportagem deixou de trabalhar com base numa divisão de editorias e passou a priorizar a relação com os leitores. (DORNELLES, 2014).

O texto de abertura do relatório anual da empresa tem um tom animado e informa que os seus executivos estão “emocionados” com a expansão dos negócios. Os 92 veículos de notícias do grupo, a “rede doméstica com multi-plataforma de notícia”, informou e envolveu mais de 100 milhões de visitantes em um único mês nos Estados Unidos e 24 milhões no Reino Unido, onde os 150 títulos impressos do grupo teriam atingido “metade de todas as famílias do continente”, ou 6 milhões de leitores.

É evidente que esta nova ordem no consumo e produção de notícias altera a participação dos veículos nas campanhas eleitorais. A correlação de forças na rede – entre o que

Cardoso chamou de individualistas e comunalistas - está alterada, mas ao que parece, ainda não o suficiente para modificar de maneira significativa a distribuição e o acesso às riquezas, e consequentemente, do poder. A notícia passa assim, a integrar o “hipertexto” como mais um meme no mar de informações. Uma análise que considere “ene” variáveis como é possível com o uso da interface R pode revelar de forma precisa a fórmula – ou o mapa – da manipulação.

O uso de interfaces R, proposta aqui, é plenamente viável para a análise dos jornais e pode ampliar e aprofundar a compreensão sobre como a linguagem é utilizada na manipulação da realidade, e consequentemente, viabilizar a investigação histórica a partir de um ponto de vista impossível para a mente humana. A forma como isso será feito deve ser objeto de um novo projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. Dimensões da Precarização do trabalho – Ensaio de sociologia do trabalho. Projeto Editorial Praxis. Canal 6 Editora. Bauru/SP. 2013

ALVES, Giovanni. Trabalho e Mundialização do Capital - A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização – 2ª edição. Editora Praxis. Londrina (PR). 1999

ALVES, Ivson - Peneirando os meios. publicado em Coleguinhas (<https://coleguinhas.wordpress.com/2015/04/12/peneirando-os-meios-i/> acesso em 11/06/2016)

ALVES, Ivson. Estudo do reuters institute dá uma geral de como anda a mídia no mundo. Publicado no site Coleguinhas. Disponível em: <https://coleguinhas.wordpress.com/2016/06/19/estudo-do-reuters-institute-da-uma-geral-de-como-anda-a-midia-no-mundo/>. Acesso em 26/06/2016

BONILHA, Caio. DAI – Digital Access Index. Brazil: 2006 update. Publicado pela International Communication Union (ITU). Disponível em: https://www.itu.int/ITU-D/ict/dai/material/BR_DAI_ITU_2006.pdf. Acesso em 26/06/2016).

BRANFORD, Sue - Conferência Mídia, Percepção e Consolidação da Democracia Brasileira. Fórum Brazil. Londres, junho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=usPgv2M4ZIE>. Acesso em 26/06/2015

CAMARGO, Brígido Vizeu e JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. 2013.

CARDOSO, Gustavo. Sociedades em Transição para a Sociedade em Rede. . (In: A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política - Conferência promovida pelo Presidente da República de Portugal. Organizado por Manuel Castells e Gustavo Cardoso). Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 2005

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. (In: A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política - Conferência promovida pelo Presidente da República de Portugal. Organizado por Manuel Castells e Gustavo Cardoso). Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 2005

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439

COSTA E SILVA, Gildemarks. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. Revista brasileira de Estudos pedagógicos. (online), Brasília, v. 94, n. 238, p. 839-857, set./dez. 2013. Disponível em:

<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/361/352> (Acesso em 25/06/2016)

DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta (tit. Original - The selfish gene) - Companhia das Letras – São Paulo, 2007

DORNELLES, Beatriz . A expansão do jornalismo colaborativo e as mudanças no ensino dos critérios de noticiabilidade. Coleção Mídias Contemporâneas: possibilidades e desafios. Vol. I .Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). UEPG, 2014.

GLEICK, James. A Informação – Uma história, uma teoria, uma enxurrada. (tit. Original: the

information: a history, a theory, a flood). Tradução: Augusto Calil. Cia das Letras. São Paulo – 2013.

JACOB, Helena Maria Afonso. Gastronomia, Culinária e Mídia – Estudo dos ambientes midiáticos e das linguagens, da comida e cozinha, PUC-SP 2013.

JARDIM, Maria Chaves. Fundos de Pensão no Brasil: Novo Ethos Sindical? Colóquios do Saber. Focus. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). 2008

JOLIE, Angelina. My Medical Choice. NYTimes, 14/maio/2013. Disponível em: http://www.nytimes.com/2013/05/14/opinion/my-medical-choice.html?_r=0 . Acesso em 12/06/2016)

JORGENSEN, Dale W. e VU, Khuong M - Tecnologias de Informação e a Economia Mundial. (In: A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política - Conferência promovida pelo Presidente da República de Portugal. Organizado por Manuel Castells e Gustavo Cardoso). Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 2005

KLEMPERER, Victor. LTI: A linguagem do Terceiro Reich.: 1ª. edição 1947, tradução brasileira Contraponto, Rio de Janeiro, 2009.

KOLCHYNA, Olga; SOUZA, Thársis T. P.; TRELEAVEN, Philip C. e ASTE, Tomaso - Methodology for Twitter Sentiment Analysis. Departamento de Ciência da Computação (UCL), Escola de Londres de Economia e Ciência Política.

LIMA, Venício, A. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. Revista USP, São Paulo, n.61, março/maio 2004

LIMA, Venício, A. A linguagem seletiva do 'mensalão'. Em Observatório da Imprensa. Edição 777, dezembro de 2013. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed777_a_linguagem_seletiva_do_mensalao/ (acesso em 26/06/2016)

MAIA, Harika M. – Socióloga e coordenadora do VAI, programa de apoio cultural da Prefeitura de S. Paulo. Além da coordenação, Harika defendeu, em 2012, tese de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo a respeito da questão de identidade e gênero nos coletivos de cultura juvenis. As citações dela neste trabalho são referentes a um depoimento pessoal feito pela socióloga à autora, em entrevista para levantamento de dados sobre os coletivos, no primeiro semestre de 2016.

MALINI, Fabio. Análise publicada na página do Facebook do autor. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153443831356151&set=a.477225711150.296154.703916150&type=3&theater> (acesso em 21/06/2016)

MELLO SILVA, Leonardo. Trabalho e Sociabilidade Privada: a exclusão do outro. Um olhar a partir das células de produção. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 21, número 61. 2006

OLIVEIRA, Claudia. The Internet in the Political Electoral Campaigns. Case Study: Barack Obama Presidential Campaign, 2008. conclusões apresentadas na dissertação de Mestrado em Gestão Estratégica das Relações Públicas, defendida em 2009 na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), Portugal. Publicado em 2009 na revista Comunicação Pública, disponível em <http://cp.revues.org/251#authors> (acesso em 26/06/2016)

PRIMI, Lilian. 24 horas conectados. Revista Caros Amigos, edição especial temática Mal Estar – Ed. 63, 2013

PRIMI, Lilian. Metas enlouquecem os trabalhadores. Revista Caros Amigos ed. 210. setembro 2014

PRIMI, Lilian. Perturbados a solta. Revista Caros Amigos. Edição 221. Agosto, 2015.

SANT’ANNA, Denise. A História da Beleza no Brasil. Editora Contexto. São Paulo, 2014

SANTOS, Suzy; CAPPARELLI, Sérgio. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito; In BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. Primeira Edição. São Paulo. Paulus, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. A Corrida para o século 21 – no loop da montanha russa. Editora Schwarcz. São Paulo, 2004)

SODRÉ, Muniz, em entrevista a Desirée Rabelo, “Objeto da comunicação é a vinculação social”. 2001. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>. Acesso em 19/06/2016

TIRABOSCHI, J. Você é o repórter. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,EDG78710-7943-194,00.html> Acesso em: 05 jan. 2013.

THOMPSON, J. - Fronteiras cambiantes da vida pública e privada (tit. Original - Shifting boundaries of public and private life) - MATRIZES Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010 - São Paulo

THOMPSON, J. O Escândalo Político - Poder e Visibilidade na Era da Mídia. Ed. Vozes. São Paulo, 2002.

TUCKLE, S.-The Second Self – Computers and the Human Spirits. Twentieth Anniversary Edition. MIT Press. Cambridge, Massachusetts. London. 2005

WENDT, Guilherme. Cyberbullying em adolescentes brasileiros. UNISINOS, Brasil. 2012.

YOUYOUA,Wu; KOSINSKIB, Michal e STILLWELLA, David. Computer-based personality judgments are more accurate than those made by humans (Trad.: Juízos de personalidade baseados em computador são mais precisos do que aqueles feitos por seres humanos). PNAS, vol. 112, no. 4.Estados Unidos, 2014.

ZIEGLER, Jean. Jean. Ziegler: A fome que o capitalismo sustenta. Entrevista publicada na revista Caros Amigos, edição 195, junho 2013, pág 10.

ANEXO 1

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Despacho de 18-07-1 978

3 - REDE GLOBO

Referência: Item 4 do despacho de 04-07-78

No dia 13 de julho p.p. , foi realizada no Gabinete do Ministro GOLBERY, reunião com sua presença , dos Ministros da Justiça e das Comunicações e do Sr ROBERTO MARINHO com dois auxiliares .

O Sr ROBERTO MARINHO , em longa exposição mencionou todas as atividades que realiza , não só em radiodifusão comercial, como também em tele-educação e assistência social . Mencionou , também , o constante apoio que vem dando ao Governo .

Declarou , finalmente , que não tem tido apoio do MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES , que, ao contrário , tem procurado cercear o crescimento da REDE GLOBO , em especial em televisão . Afirmou , que sua rede tem de continuar a crescer , pois qualquer organização que para de crescer tende a declinar.

Expus que o procedimento do MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES , durante minha gestão, pautou-se